

BILIMBUNDA

BLAY

FESTIVAL DE SIGOVIA

Mario Vargas Llosa, Le Clézio e Javier Marías • A Viagem do Elefante • América Latina por Eduardo Lourenço • Julio Cortázar por Dulce Maria Zuñiga • Rol de Livros: Uma história em fichas de leitura • Saramaguiana: A espiritualidade clandestina de José Saramago

**Sim, senhor, disse artur paz semedo.  
Apertou a mão que o administrador  
lhe estendia e retirou-se. Não  
caminhava, voava. Entrou na  
secção com um ar triunfador que  
ninguém lhe conhecia e que todos  
os subordinados, sem exceção,  
atribuíram a um substancial aumento  
de vencimento. Tão limitada é a  
imaginação da gente comum.**

*José Saramago, Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*

04

**O outro lado da  
sociedade de  
espetáculo**

Pilar del Río

06

**Leituras  
do mês**

Sara Figueiredo Costa

10

**Estante**

Sara Figueiredo Costa  
e Andreia Brites

13

**Hay festival  
de Segóvia**

Ricardo Viel

24

**Javier Marias e  
o risco de contar**

Ricardo Viel

27

**Cinco minutos  
com Maria Sheila  
Cremaschi**

Ricardo Viel

29

**A Viagem do  
Elefante**

Sara Figueiredo Costa

41

**Salvemos a  
América (Latina)**

Eduardo Lourenço

44

**Porquê ler  
Cortázar**

Dulce Maria Zuñiga

46

**Rol de Livros**

Andreia Brites

57

**Dicionário  
infantil e juvenil**

Gonçalo Viana  
Sara Reis da Silva

58

**Espelho Meu**

Andreia Brites

60

**Notas de rodapé**

Andreia Brites

62

**A espiritualidade  
clandestina de  
José Saramago**

Manuel Frias Martins

68

**Agenda**

Vivemos na sociedade do espetáculo e temos que assumir este dado como uma verdade revelada ou científica – cada um decidirá de acordo com a sua forma de estar no mundo. Tudo é espetáculo, da representação religiosa à política, das imagens de um acidente ferroviário a um concerto. O teatro é puro espetáculo como a morte de um rei ou como pode ser um pôr do sol retratado e colocado nas redes sociais para contemplação coletiva. Diante dessa lógica milenar os livros não podiam permanecer à margem, protegidos em estantes, eternamente esperando que alguém, por erro, curiosidade ou empenho real viesse buscá-los e dar-lhes vida. Dessa maneira os livros não respiravam, de modo que foi preciso que se lhes inventasse um espetáculo e nasceram assim as feiras de livros, bendito seja

quem concebeu esses eventos. Com o tempo se viu que as feiras não eram suficientes para competir, por exemplo, com as doses diárias de futebol que os meios de comunicação transmitem e foram lançados festivais literários no mundo todo para que os leitores e os escritores encontrassem um lugar onde pudessem olhar-se

# O outro lado da sociedade do espetáculo

Pilar del Río

nos olhos e trocar ideias já escritas ou essas outras que todos temos depois de termos lido e entendido.

Cada dia há mais festivais na Europa e na América. Alguns, os «Hay Festival», por exemplo, celebram-se em lugares pequenos, outros procuram complementar grandes feiras. Há os que celebram um autor, como a «Escritaria» de Penafiel que este ano foi dedicada a Lúcia Jorge. Há os encontros que transformam as cidades e as cidades que transformam e deixam a sua marca nos escritores. Há a magia das sessões multitudinárias, em que escritores são aplaudidos como cantores, e há as sessões pequenas onde se escuta o palpitar de

um poema. Tudo isso acontece na sociedade do espetáculo, na qual finalmente a literatura se incorporou para benefício da sua alma – a da sociedade – e para fazer letreiros luminosos de livros e não só de marcas de automóveis. É uma forma necessária de justiça neste século XXI que defendemos, nós os que queremos que os livros cheguem a todos os cantos, porque o conceito de elite, relacionado com o poder social e económico, foi destronado, assim queremos acreditar, pelo conceito mais perfeito de democracia. Não é banalização, é colocar a *Divina Comédia*, pintada por Barceló, nas livrarias do mundo, e fazer-nos perder o medo de entrar numa sala para escutar Bach, pois isso não é apenas um privilégio de cinco escolhidos por ignotos deuses. Festivais no Brasil, na Argentina e na Colômbia, cidades que se convertem, durante alguns dias, como Medellín, em livros abertos de poesia; ou Segóvia, cujo aqueduto romano vê passar escritores do mundo todo; ou Xalapa, onde se desfruta do verbo de um autor sonhado; ou como em Gijón, onde os leitores inventam histórias para receber os que fazem da arte da palavra o seu ofício.

Há também as cidades que se convertem em cenários para receber um elefante chamado Salomão, que foi animal de verdade e agora é um mito que revive no imaginário de muitos leitores e nas praças de Portugal, segundo se conta nesta revista. Porque a cultura é um espetáculo para o espetacular movimento dos nossos corações, tantas pulsações por minuto, tanta beleza perfeita que nos mantém levantados e com os olhos abertos.

Destes e de outros assuntos – como a curiosa história das secretas fichas de leitura da Fundação Calouste Gulbenkian, que hoje são públicas – se falará neste número da *Blimunda*, no qual, além dos habituais colaboradores, escrevem o ensaísta Eduardo Lourenço, com um texto sobre a América Latina, Dulce Zúñiga, diretora da Cátedra Latino-Americana Julio Cortázar, em Guadalajara, que explica porquê ler o autor argentino e universal, e o professor da Universidade de Lisboa Manuel Frias Martins, que se ocupa da espiritualidade na obra de José Saramago.

Bem-vindos a esta *Blimunda*, a revista da Fundação José Saramago.

Blimunda 29

outubro 2014

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigns



Fundação José Saramago  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoiros, 10  
1100-135 Lisboa - Portugal

[blimunda@josesaramago.org](mailto:blimunda@josesaramago.org)

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade  
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

# FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

ONDE ESTAMOS  
WHERE TO FIND US  
Rua dos Bacalhoiros, Lisboa  
Tel: ( 351) 218 802 040  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)  
[info.pt@josesaramago.org](mailto:info.pt@josesaramago.org)



Segunda a Sábado  
Monday to Saturday  
10 às 18 horas  
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR  
GETTING HERE  
Metro Subway Terreiro do Paço  
(Linha azul Blue Line)  
Autocarros Buses 25E, 206, 210,  
711, 728, 735, 746, 759, 774,  
781, 782, 783, 794

## Estado Islâmico Resistir em Kobane

À data do fecho desta edição, o chamado Estado Islâmico avança perigosamente sobre vários territórios da Síria e do Iraque, deixando um rasto de morte, violações e destruição à sua passagem. Cada localidade que cai às suas mãos é um passo mais na direção de um mundo fundamentalista, sem espaço para os direitos mais básicos e seguramente marcado pela tortura e pelo assassinio de quem ousar levantar a voz. Em Kobane, os curdos resistem há semanas contra os fundamentalistas, lutando heroica e desigualmente enquanto a comunidade internacional assiste de camarote a um massacre, discutindo a possibilidade de uma intervenção que parece ter sido agendada nas calendas gregas. No *Guardian*, David Graeber assinou um texto sobre o tema, que o Portal Anarquista generosamente traduziu para português. Alguns excertos muito relevantes: «Há milhares de diferenças entre o que aconteceu em Espanha em 1936 e que está a acontecer hoje em Rojava, as três províncias de maioria curda do norte da Síria. Mas as semelhanças são tão impressionantes, e tão angustiantes, que sinto que é minha obrigação dizer, como alguém que cresceu numa família cuja ação política era, em muitos aspetos, definida pela revolução espanhola: não podemos deixar que tudo termine,

outra vez, da mesma forma.» E, mais adiante: «Agora, o ISIS voltou, com dezenas de tanques e artilharia pesada, de fabrico norte-americano, capturados às forças iraquianas, para se vingar de muitas dessas mesmas milícias revolucionárias em Kobane, afirmando a sua intenção de massacrar e escravizar – sim, literalmente escravizar – toda a população civil. Enquanto isto, o exército turco está na fronteira impedindo que reforços e munições cheguem aos defensores (de Kobane, ndt), e os aviões dos Estados Unidos fazem-se ouvir em ocasionais e simbólicos ataques rápidos – aparentemente, apenas para que não se diga que não fizeram nada quando um grupo, contra o qual afirma estar em guerra, esmaga os defensores de uma das grandes experiências democráticas do mundo. Se se fizesse um paralelismo hoje com os falangistas de Franco, superficialmente devotos e assassinos, com quem seria senão com o ISIS? Se há um paralelismo com as *Mujeres Libres* da Espanha, com quem será senão com as mulheres corajosas que defendem as barricadas em Kobane? O mundo – e desta vez da forma mais escandalosa de todas, a esquerda internacional – vai ser outra vez cúmplice ao deixar que a história se repita?»



## Entrevista Silviano Santiago

Distinguido com o Prémio Ibero-Americano de Letras José Donoso, o escritor brasileiro Silviano Santiago esteve em Buenos Aires e deu uma entrevista à revista *Ñ*, do jornal *Clarín*. Entre as suas preferências literárias e alguns aspetos do modo como escreve, o autor falou ao jornalista Mauro Libertella sobre o modernismo brasileiro, a censura à literatura e às artes no tempo da ditadura militar, o tropicalismo e a sua relação com o movimento antropofágico. Sobre a sua própria literatura, disse o seguinte em resposta à pergunta: «*Muchos críticos lo sitúan en una tradición de autores que cruzan géneros, que barren fronteras. ¿Se siente cómodo en ese linaje?*»

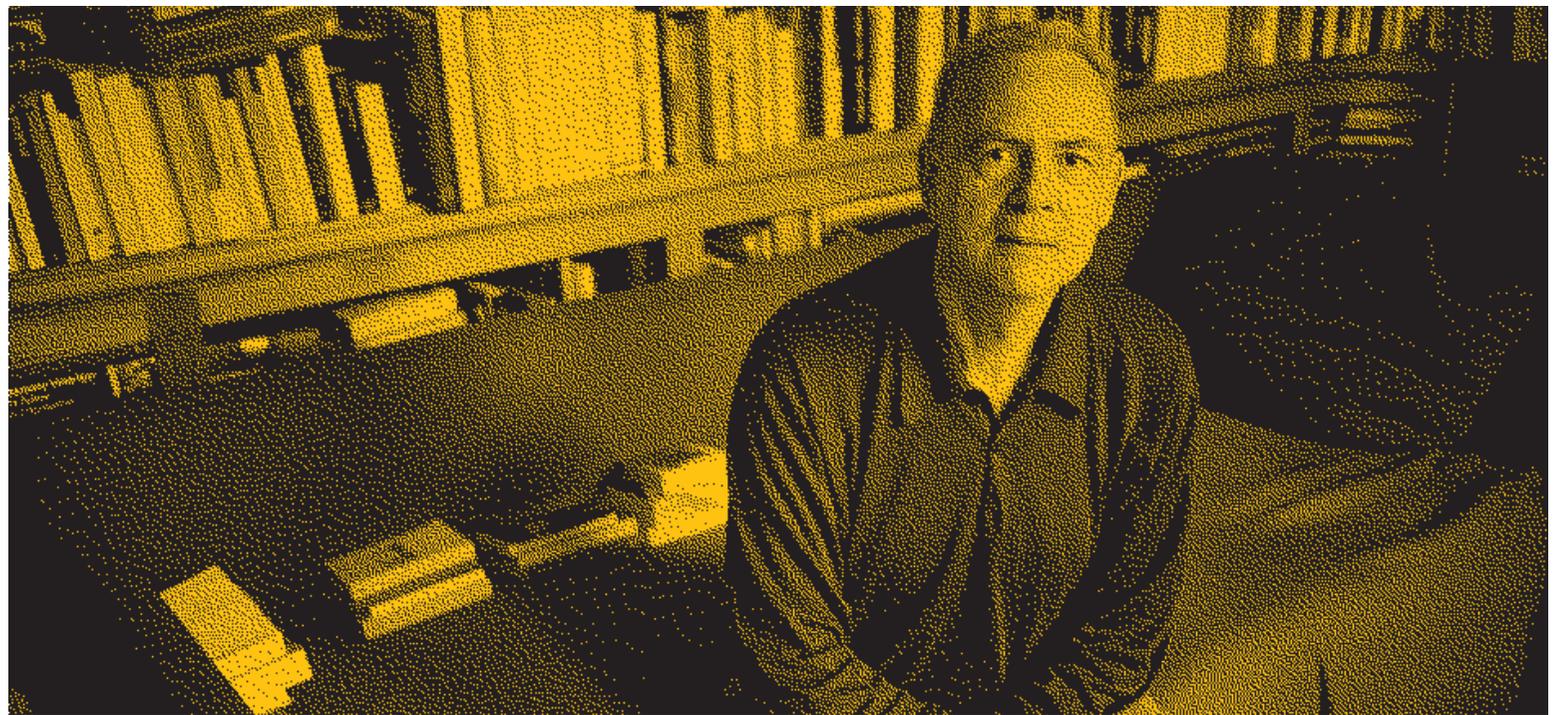
*Si me afilian a los autores que cruzan, descruzan y recruzan*

*géneros, desconstruyendo, están en lo cierto y deben apoyarse en mi primer maestro, André Gide, y en mi disciplinador filosófico, Jacques Derrida. Soy obsesivo e infiel por naturaleza. Soy también individualista y, al mismo tiempo, me divierto despersonalizándome, medio a la Fernando Pessoa. Por otro lado, por defecto profesional (profesor investigador) me gustan los clásicos de la prosa de ficción. No me satisface la narrativa de la miseria ajena que fundamenta el trabajo de algunos escritores actuales, pero siempre estaré a favor de una literatura romántica (en el sentido amplio del término), aquella que, como el pelícano de Alfred de Musset, entrega su propio corazón a sus hijos hambrientos. El profesor leyó de todo y el escritor fue selectivo sin ser intolerante.»*



## Patrick Modiano Nobel da Literatura

Na sequência da atribuição do Prémio Nobel da Literatura a Patrick Modiano, o crítico (e também escritor) José Riço Direitinho assinou, no *Público*, um texto sobre o autor francês. Refletindo sobre o potencial da escrita de Patrick Modiano como uma matéria que luta contra o esquecimento, Riço Direitinho destaca igualmente o papel da cidade de Paris na obra do autor: «O autor francês recorre em quase todos os seus romances a uma cartografia parisiense muito precisa, nostálgica e romântica, etérea e eterna, onde personagens frágeis, solitárias e desenraizadas buscam a sua identidade remexendo numa espécie de "matéria escura" (a expressão é do próprio no romance *O Horizonte*) feita de possibilidades passadas de um futuro que, por uma ou por outra razão, nunca chegou a acontecer. Como se as ações que nunca foram ditas, as daqueles anos em que "a vida é entrecortada de encruzilhadas e se abrem tantas vias aos nossos olhos que a escolha se torna difícil", ficassem a pairar num qualquer abismo e coubesse ao autor ir lá ouvir os seus ecos e assim fazê-las finalmente viver.»



## Revista eletrónica Uma ESC:ALA interdisciplinar

Já está disponível o terceiro número da *ESC:ALA*, a revista eletrónica de estudos e práticas interartes editada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Como se lê na apresentação da revista, a «*ESC:ALA* propõe-se sobretudo como um espaço de experimentação. [...] pretende ser um fórum, um laboratório onde

se fazem aproximações entre as mais variadas formas de expressão artística: literatura, música, cinema, vídeo, banda desenhada, ilustração, animação, fotografia, arquitetura, teatro, performance, design, pintura, *street art*, *DJing*, e demais artes plásticas e performativas. Lado a lado, ensaiando tanto a reflexão como a prática destas e de outras relações. A *ESC:ALA* é, afirmativamente, indisciplinar.» Neste número, e entre muitos outros trabalhos, Emília Pinto de Almeida assina uma conversa com Maria Filomena Molder sobre o papel da

infância no pensamento de Walter Benjamin e de outros autores, Elisabete Marques escreve sobre *Finisterra*, de Carlos de Oliveira, e sobre «modos de experimentar, ver ou pensar a paisagem». Há ensaio, poesia e reflexões sobre diferentes objetos artísticos, sempre com a preocupação da interdisciplinaridade, não como uma espécie de fogo de artifício teórico, mas antes como um modo plural de olhar e pensar sobre o mundo.



Vários Autores  
**Granta #4: África**  
 Tinta da China  
**Estragar clichês**



Chegada à quarta edição, a *Granta* portuguesa dedica as suas páginas a África, o continente, mas igualmente às ideias e imagens que sobre esse enorme espaço se criam. O modelo é o que já se conhece: autores portugueses e de outras latitudes escrevem sobre o tema de capa, uns por encomenda, outros em tradução de textos anteriormente escritos e que cabem no perfil escolhido para este número.

Quem esperar os habituais clichês de longos horizontes, céus avermelhados e animais de grande porte (ou, em alternativa, os escassos recursos, a seca intensiva e a miséria, a miséria, a miséria), ficará desiludido. Como se lê no editorial, assinado por Carlos Vaz Marques, não é dessa África cristalizada em memórias e cartões postais que aqui se quer falar: «Que isto sirva de aviso: neste número da *Granta* não se pretende de modo algum retratar África. O que aqui temos - se me é permitido pilhar um título alheio - são *partes de África*.» A referência da «pilhagem» é ao livro de Hélder Macedo (que não tem texto na revista), mas o trabalho que melhor ilustra esta ideia é do escritor queniano Binyavanga Wainaina, a fechar o volume. «Como escrever acerca de África» desfia

lugares-comuns com ironia de mestre, utilizando-os como quem revela a receita para o texto infalível num curso de escrita criativa de trazer por casa enquanto confirma quanto vazio de ideias se pode achar em cada um desses textos sobre África que querem ser bandeira de qualquer coisa. Um exemplo: «No teu texto, aborda África como se fosse um só país. É um lugar quente e poeirento, com ervaçais suavemente ondulados e enormes manadas de animais e habitantes altos e magros que estão cheios de fome.» E mais adiante: «Vinca logo de entrada que possuis convicções liberais inatacáveis e refere nas primeiras páginas o quanto amas África, como te apaixonaste por aquela terra e não consegues viver sem ela.» Implacável.

A Binyavanga Wainaina juntam-se Chimamanda Ngozi Adichie, Teju Cole, Nadine Gordimer, Aminatta Forna, Martin Kimani, Taiye Selasi e Bruce Chatwin. Sousa Jamba vem baralhar as ideias feitas sobre a língua em que se nasce e aquela em que se escreve. José Eduardo Agualusa e Mia Couto partilham correspondência sobre a vida e o labor da escrita, mas onde a epistolografia ganha fôlegos de obra-

-prima é no conjunto de mensagens e fotografias enviadas por Ruy Duarte de Carvalho a Rute Magalhães a partir de Swakopmund, na Namíbia, onde o autor viria a morrer. António Cabrita, Hélia Correia, Lídia Jorge, Sandro William Junqueira, José Tolentino Mendonça e Luís Carlos Patraquim completam o índice de textos.

Às palavras juntam-se as ilustrações de Alain Corbel, respondendo aos textos com a delicada lucidez que caracteriza o seu trabalho, e o ensaio fotográfico de Délio Jasse, fotógrafo angolano que aqui reúne imagens urbanas onde as tais ideias feitas sobre África se desfazem perante a constatação da homogeneidade de certos traços no que às grandes cidades do mundo diz respeito. O aviso do editorial é, portanto, para levar a sério, sob pena de ficar por perceber que o que se junta nestas páginas são olhares, modos de ler e entender, experiências e relações entre pessoas, lugares reais ou nem por isso. Perante tamanha riqueza, é apenas vã a tentativa de reduzir tudo ao nome de um continente.

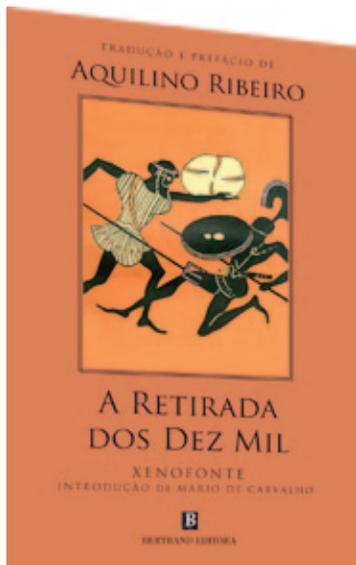
CESAREA

ESSA  
ANGÚSTIA  
LOUCA DE  
PARTIR  
PEDRO  
LEMEBEL

TRADUÇÃO:  
ALEJANDRA ROJAS COVALSKI

COLETÂNEA DE  
TEXTOS DE UMA  
DAS VOZES MAIS  
SINGULARES DA  
LITERATURA HISPANO-  
-AMERICANA NO  
[WWW.CESAREA.COM.BR](http://WWW.CESAREA.COM.BR)

CESAREA



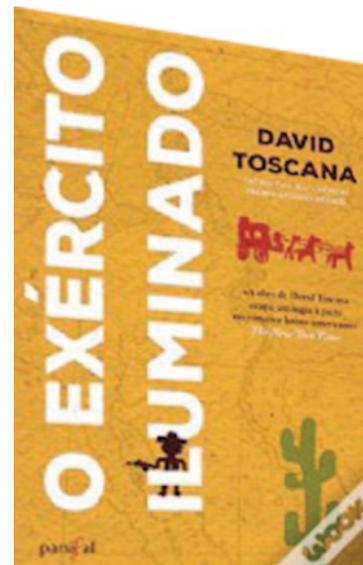
**Xenofonte**  
***A Retirada dos Dez Mil***  
Bertrand Editora

Reedição de um clássico grego onde se narra uma expedição (e conseqüente retirada) do exército helénico à Pérsia na seqüência das Guerras do Peloponeso. Esta edição tem a particularidade de ter sido traduzida por Aquilino Ribeiro, ainda estudante em Paris, que lhe deixou a marca do seu próprio (e inconfundível) labor de linguagem. Como diz Mário de Carvalho no prefácio, «Este é um dos mais movimentados e arrebatadores livros de acção que jamais se escreveram.»



**Inês Fonseca Santos (texto), Marta Madureira (ilustração)**  
***A palavra perdida***  
Arranha-céus

Nesta narrativa enigmática, um pequeno narrador, de nome Manuel, partilha com o leitor uma angústia que o assola: onde está a palavra que perdeu? Sem nunca a encontrar, Manuel desvenda, nesta missão, as palavras mais importantes, aquelas que nomeiam as pessoas e as coisas de que mais gosta. Numa parábola, Inês Fonseca Santos explora a ideia filosófica da identidade pela nomeação e do valor emocional de o poder fazer. Marta Madureira compõe caracteres como se de um jogo de construção se tratasse, ampliando não apenas o enigma narrativo, mas acrescentando-lhe igualmente um enigma visual.



**David Toscana**  
***O Exército Iluminado***  
Parsifal

Um professor mexicano cria um exército para recuperar o estado do Texas para o México, loucura na qual contará com o apoio de vários alistados que acreditam lutar para repor a dignidade nacional. Romance distinguido com o Prémio Casa de las Américas de Narrativa em 2008, *O Exército Iluminado* reflete sobre a melancolia do fracasso, mas igualmente sobre a sua satisfação se o que o motivou foi uma convicção forte ao avançar para o erro.



**Carlos Fuentes**  
***Pantallas de Plata***  
Alfaguara

Volume póstumo que reúne textos de Carlos Fuentes sobre cinema, arte a que o autor se dedicou como espectador ávido e muito informado. Dos primeiros filmes a que assistiu em sala até às preferências que foi construindo ao longo da vida, passando por conversas com realizadores e atores e por pequenos episódios que presenciou, *Pantallas de Plata* é uma declaração de amor, sentida e muito completa, de um escritor à cinefilia que também o alimentou durante a vida.



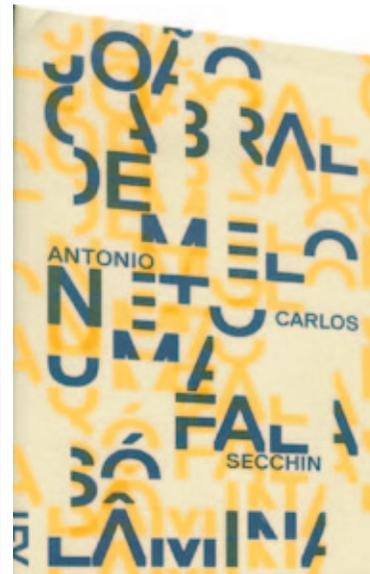
**Matthias Picard**  
**Jim Curioso**  
Polvo

Neste álbum de BD sem texto, acompanha-se a viagem de um pequeno escafandrista, Jim, pelo fundo do oceano. Com ilustração a preto e branco, é a técnica de gravura e de impressão que, com a ajuda de óculos 3D, permite ao leitor perceber a volumetria e a profundidade de elementos neste espaço fantástico pleno de vestígios históricos e pistas narrativas. Do lixo da sociedade contemporânea ao tesouro revelado num galeão afundado, a história caminha às arreas, numa descida nem sempre direta, em direção a um retorno transformador.



**Adélia Carvalho (texto), Cátia Vidinhas (ilustração)**  
**WonderPorto**  
Tcharan

A referência é explícita e começa logo no título: Adélia Carvalho recruta Alice na sua viagem pelo País das Maravilhas para a tornar protagonista de um passeio pelos lugares mais carismáticos da cidade do Porto: Ribeira, Magestic, Bolhão, Serralves, Biblioteca Almeida Garrett, entre outros. A ilustração e o design convidam o leitor a registar momentos desse passeio pela cidade, através de fotografias, desenhos e texto. Um guia que não se deseja exclusivamente instrumental e convida também à literatura e à criação.



**Antonio Carlos Secchin**  
**João Cabral de Melo Neto: Uma fala só lâmina**  
Cosac Naify

Antonio Carlos Secchin, crítico da Academia Brasileira das Letras, reúne neste volume alguns dos muitos ensaios que dedicou a João Cabral de Melo Neto. Dividido em duas partes, a primeira analisa cada um dos livros do autor brasileiro, organizados cronologicamente. Na segunda parte, incluem-se ensaios dispersos sobre a obra de João Cabral de Melo Neto. No fim, uma secção iconográfica reúne as capas das primeiras edições dos livros de poesia.



**Michel Pastoreau**  
**Preto. História de uma cor**  
Orfeu Negro

Especialista em simbologia e história da Idade Média, Michel Pastoreau analisa neste livro a história da cor negra, traçando-lhe a cronologia possível entre leituras filosóficas, escolhas estéticas e referências simbólicas. Associada ao lado mais sombrio da alma ou ao luxo que se quer exibir, o preto não está, hoje, entre as preferências ou os desmerecimentos mais fortes: «Ter-se-á tornado por fim uma cor média? Uma cor neutra? Uma cor como as outras?»

# GRANTA

PORTUGAL | 1

# GRANTA

PORTUGAL | 2

# GRANTA

PORTUGAL | 3

# GRANTA

PORTUGAL | 4

# GRANTA

Receba quatro números  
da GRANTA em sua casa  
com um desconto de 25%.

Faça a sua assinatura em  
[www.granta.tintadachina.pt](http://www.granta.tintadachina.pt).

PORTUGAL 54 €

EUROPA 74 €

RESTO DO MUNDO 86 €

Hay  
Festival  
de  
Segovia  
Ricardo Viel

**S**e por algum misterioso motivo o mundo fosse sem som, se não pudéssemos ouvir músicas, e histórias, e ideias, ainda assim teria valido a pena acompanhar o Hay Festival de Segóvia. Porque ver um grupo de crianças sentadas no chão da linda Plaza Mayor da cidade espanhola, num dia de outono de sol e calor, atentas a um senhor com um microfone e outro com um violão, e como fundo a imponente catedral é, por si, animador. Eram contadores de histórias, ciganos, e por sorte o mundo tem som. Mas mesmo que não tivesse, valeria a pena pelo impacto de entrar num convento com quase mil anos de história e ver que centenas de pessoas estão ali reunidas para escutar conversas que giram em torno da cultura, das artes, das humanidades; e pela alegria de ver uma cadeia transformada em sala de exposições e cinema, ou de uma igreja onde se toca e se baila flamenco, ou de um jardim que num sábado pela manhã é tomado de assalto por escutadores e declamadores de poesias.

Em setembro, e durante alguns dias, a cidade de Segóvia recebeu pela nona vez uma edição do Hay Festival, encontro que nasceu há 25 anos na pequena localidade de Hay on Wye, no País de Gales, e que hoje se replica em várias partes do mundo. Se o festival originalmente foi criado para ser um encontro literário, há

muito que as fronteiras foram ampliadas. Em Segóvia, no último fim de semana de setembro, houve espaço para o cinema, a música, a arquitetura, o jornalismo, a culinária e o futebol, além da literatura, claro (leia a entrevista com a diretora do festival espanhol).

O que se segue é um breve relato do que presenciei nos três dias em que por lá estive. Por questão de espaço e falta de capacidade minha, ficam de fora muitos outros momentos especiais. O ambiente de celebração que pairou por Segóvia nesses dias é difícil de descrever, espero que o leitor consiga ter uma mínima ideia do que esse festival movimentava, cria e partilha. E quem puder, que visite Segóvia em setembro de 2015.

### **Dois Prêmios Nobel, e muito mais em comum**

**S**e temos ao lado dois Prêmios Nobel de Literatura, por onde começar a conversa? Talvez o melhor seja começar pelo início. Foi o que fez o colombiano Carlos Granés, moderador da mesa mais aguardada do festival, o encontro entre o peruano Mário Vargas Llosa e o francês Jean-Marie Gustave Le Clézio – cujas entradas se esgotaram vários dias antes do início do festival. Para arrancar com a conversa, Granés buscou um ponto em comum entre ambos e re-

gressou à primeira infância dos escritores caracterizada por uma figura paterna que teve como marca a ausência e a rigidez. No caso de Vargas Llosa (Arequipa, 1936), o pai foi alguém que ele conheceu quando tinha dez anos de idade. Até então achava que o pai tinha morrido. Num dia, Ernesto Vargas reapareceu e voltou a viver com a mãe do escritor. «Para mim, a vida adulta começa quando conheço o meu pai e vou viver com ele», contou. A relação não foi pacífica, e a figura autoritária era um obstáculo difícil de ser superado. «Creio que comecei a levar a sério a literatura graças à hostilidade que meu pai mostrou a essa vocação. Ele pensava que a literatura era um passaporte para o fracasso, que a poesia era pouco viril.» Para o escritor, escrever era uma maneira de resistir à autoridade paterna. «Nesses anos, a literatura representava para mim uma maneira de viver com liberdade, um refúgio. Digo isso agora, em perspectiva: a literatura devolveu-me a dignidade.»

No caso de Le Clézio (Nice, 1940), o convívio com o pai, um médico militar que passou anos na Nigéria, sem voltar a casa, também foi de alguma maneira traumática. «A vida dele era dura e ele era duro. Quando o conheci, aos 8 anos, a sua autoridade causou-me medo. A invenção de contos era um bom método para fugir disso.» Conta o francês que até começarem a aparecer os prêmios o pai ignorou «por completo» a vocação do filho.

Com destreza, Carlos Granés foi encontrando pontos em comum entre os dois Prêmios Nobel de Literatura (Le Clézio em 2008

e Vargas Llosa em 2010): a publicação do primeiro livro no mesmo ano (1963), a atração pelo diferente – que no caso do francês era a América Latina, e no do peruano, era a Europa, mais especificamente Paris –, e a descoberta dos segredos dos povos indígenas, o fascínio pela palavra.

«Desde pequeno que queria vir à Europa. Cresci com a ideia de que se queria ser escritor tinha que chegar a Paris. E em Paris aprendi que eu era latino-americano. Não me sentia latino para nada, e lá descobri que existia uma literatura latino-americana e que eu pertencia a ela», confessou Vargas Llosa. «Paris não me atraía. Para mim, era Londres a porta para o mundo. Um dia li um livro sobre a cultura maia em que explicava que era um povo submetido às formigas», contou o francês. Partiu para o México e depois chegou ao Panamá.

**E**ntre a Europa e a América, entre as frustrações, os sonhos e as conquistas, o passar dos anos, a conversa fluiu. Contaram. Sorriram. Trocaram impressões e opiniões. Foi a primeira vez que participaram de um ato público, e tinham tanto a dizer que conseguiram um feito inédito: extrapolaram o tempo. Depois de uma hora de conversa e instruídas pela organização, duas voluntárias aproximaram-se do púlpito

da igreja do convento com flores na mão. Esperavam apenas que Le Clézio terminasse o seu comentário para entrarem em cena. O moderador já estava avisado de que não havia mais tempo. Mas eis que Vargas Llosa se antecipa e diz que as lembranças do escritor francês sobre a sua vivência no Panamá com um grupo de indígenas – «conviver com essa comunidade fez-me entender a importância da literatura» – o fez recordar uma história que havia escutado quando conheceu os índios machiguengas. Durante vários minutos, o autor de *Conversaciones en la Catedral* falou sobre os contadores de histórias desse grupo da Amazônia peruana, encarregados de preservar a memória coletiva daquela comunidade, que é o mais precioso que aquele grupo tem, explicou o peruano. Quando acabou de contar, o relógio marcava quinze minutos além do término da sessão. Ninguém se importou.

### **O futuro das livrarias**

**C**omo serão as livrarias dentro de dez anos? Elas existirão? E os livros em papel, sobreviverão? Foi em torno a essas perguntas que girou a conversa entre Maarten Asscher, escritor e diretor da livraria Athenaeum, uma das mais emblemáticas da Holanda, Patrick Neale, livreiro britânico independente e ex-presidente da Book-

sellers Association e Antonio Ramírez, diretor das livrarias espanholas La Central. A seguir os principais trechos desse encontro:

#### Maarten Asscher (Holanda)

**N**ão posso responder por todos, mas posso falar pela livraria pela qual sou responsável, em Amesterdão. Ocupo-me dos livros de cultura e parece-me que há três aspetos que me permitem ser otimista em relação ao futuro das livrarias. Primeiro, alguém tem que selecionar os livros. Dada a quantidade de produção que há, não se pode contar com que as pessoas encontrem o caminho que querem sem ajuda. Há de haver alguém que selecione, que diga que isto tem valor e aquilo não vale nada, que recomende a leitura de certos livros. Antes, essa seleção era feita pelos editores e agentes literários. Hoje em dia, devido à Internet, essa pilha de coisas que não valem nada, todos aqueles manuscritos que se amontoavam na mesa dos editores agora estão na Internet. As pessoas já não são capazes de descobrir o que lhes interessa, o que vale e o que não vale, e é nessa parte que entram os livreiros. Em segundo lugar, os livros que simplesmente estão amontoados em garagens ou armazéns, na escuridão, no meio de outros 25 mil livros numa livraria, esses livros, de alguma maneira, não existem. Alguém tem que lhes dar vida, destaque. Fazer eventos nas próprias livrarias, ou museus ou centros culturais, os livreiros sabem como apresentar um livro, como fazer um aconteci-

mento diante de um livro. As pessoas têm que ser animadas, quase que forçadas a ler. «Este é um livro maravilhoso, venham ver essa apresentação.» É um papel valioso e acho que as pessoas estão dispostas a pagar por ele. Terceiro, a Internet é uma ameaça para a venda de livros, mas ao mesmo tempo é uma oportunidade maravilhosa porque oferece alternativas para que a sua livraria seja muito maior do que parece. Criámos uma plataforma onde se publicam críticas, palavras dos tradutores, é uma loja eletrónica em que temos 800 mil visitantes por ano. Acho que é uma possibilidade realista. O livreiro, a livraria, tem que estar na vanguarda, tem que ir à procura do novo. Não só é necessário uma diversidade de títulos, mas de livrarias. Um livro em papel é algo que pode ser partilhado com mais pessoas, que dura, e isso é levado em conta na escolha em continuar a comprá-lo em papel.

Patrick Neale (Reino Unido)

**C**omecei a trabalhar em livrarias nos anos 80. Nos anos 90 também encontramos muitas dificuldades. Primeiro foram os supermercados a fazer descontos aos *best sellers*. Depois veio a Amazon, que entrega livros num dia. Vender livros tornou-se algo muito complicado, mas as livrarias adaptaram-se, conseguiram ser acessíveis. Há esperança para as livrarias pelo seguinte motivo: se vendêssemos latas de feijão, a Internet e os supermercados

tirar-nos-iam o lugar, mas há muita paixão nesse trabalho que fazemos, e as livrarias continuam a ser lugares perfeitos para descobrir livros.

A livraria onde eu trabalho é pequena, mas todos os livros que estão ali são conhecidos por pelo menos uma das pessoas que ali trabalham. Há sempre uma pessoa capacitada para falar sobre qualquer dos livros que vendemos. [...] Os livros de bolso, cuja qualidade é menor, tiveram uma queda muito mais acentuada do que os demais. A crise fez com que as editoras se esmerassem em fazer edições cada vez mais bonitas, com capas de alta qualidade.

Antonio Ramírez (Espanha)

**A**s livrarias independentes de médio porte são as que menos sentiram esta crise. Estamos há um ano com números em crescendo. Em Madrid, nos últimos anos, abriram doze pequenas livrarias, com café. São alternativas à compra online. Se o bom leitor continua a preferir comprar o livro presencialmente é porque as pessoas ainda precisam de espaços físicos para se encontrarem com pessoas reais e objetos tangíveis. Tentamos criar espaços arquitetónicos agradáveis para os leitores. Os livros estão selecionados de uma maneira. A livraria como um ponto de encontro, um lugar para criar comunidades, não só tem futuro como é um espaço privilegiado. Não é ter a Amazon como grande inimiga, mas dizer ao governo que

não deve apoiar uma empresa que não paga impostos e por isso não pode dar-lhe nem um cêntimo.

Uma livraria, mais do que especializada, tem de ser especialista. O leitor percorre aquilo e sabe que ali há alguém que, como ele, lê, e tem de encontrar o que esperava e também o que não esperava. O leitor tem que visitar a livraria como algo que lhe dá prazer. Um leitor confia em outro leitor. Pode desconfiar de um crítico, da capa de um livro, mas não desconfia de outro leitor, e o livreiro é, antes de tudo, um leitor. Há uma relação de confiança que não pode ser perdida. [...] As pessoas compram livros também pela coleção à qual ele pertence, pelo editor que está por trás.

### **Na linha de frente do jornalismo**



Marc Marginedas, 47, cobriu a primavera Árabe, as guerras do Iraque e do Afeganistão, foi correspondente em Moscovo e na Argélia, e é especialista no Mundo Islâmico. Em setembro de 2013 a notícia de que fora sequestrado na Síria rodou o mundo. Foram

seis meses em poder dos jihadistas. Sobre esse episódio, o jornalista do *El Periódico de Catalunya* prefere o silêncio. «Há outros profissionais da imprensa que estão a passar por situações como essa

e temos que evitar que jornalistas se tornem protagonistas.» Se o sequestro atrai a atenção dos média, faz com que os confrontos que cobram milhares de vidas fiquem em segundo plano, argumenta. Marginedas é muito crítico quanto à divulgação de imagens de jornalistas em poder de sequestradores (como nos últimos meses tem acontecido). «Ver a fotografia de um profissional vestido de laranja a ponto de ser assassinado não acrescenta nada. Eles fazem isso para captar combatentes e se divulgamos essas imagens estamos a jogar o jogo deles, não estamos a fazer jornalismo responsável. Nós não devemos só traduzir dados, devemos formar a sociedade.»

O catalão autor do livro *Periodismo en el campo de batalla* (2012) defende que um jornalista de guerra que paga com a vida pelo trabalho que exerce deve ser recordado pelo que fez e escreveu, e a imagem que deve ser mostrada dele é justamente no trabalho, e não privado de liberdade. «Assim dizemos que nem mesmo matando podem calá-lo.» Marginedas define-se como um jornalista em lugares que estão em guerra, não um jornalista de guerra. «Vamos a lugares que estão em conflito e devemos cobrir o pós-guerra também.»

Fazer jornalismo de qualidade custa caro e a sociedade tem que perceber que se quer informação de qualidade é preciso pagar, para que o trabalho possa ser feito com tempo, qualidade e segurança. «Sem jornalismo a nossa sociedade seria muito mais manipulável, e já o é.»

O fotojornalista Gervásio Sánchez, 59, escutava com atenção o que o colega dizia, e quando lhe passaram a palavra, a primeira coisa que fez foi elogiar a nobreza e a dignidade do companheiro, que não quis fazer da sua situação pessoal um *show*. Especialista em América Latina, Sánchez também foi testemunha, nesses 59 anos de vida e quase 30 de profissão, de dezenas de conflitos. «Estar no lugar aonde as coisas acontecem, ver com os teus próprios olhos, definir o que vês com as tuas obsessões, isso é sagrado no jornalismo e serve para descrever também o que acontece na esquina da tua casa.»

**E** direto ao falar sobre o que presenciou. «As guerras são o maior fracasso dos seres humanos. É muito fácil que uma guerra comece e muito difícil que termine. É muito difícil superar as consequências de um conflito armado. Vi gente normal, que eram jornalistas, médicos, motoristas, transformarem-se em assassinos de um dia para o outro. Creio que a guerra tira dos seres humanos o pior que há neles.»

Autor de mais de uma dezena de livros, e colaborador de diversos meios (rádios, jornais e revistas), Sánchez é um grande crítico do tipo de jornalismo produzido pelos grandes grupos. «O jorna-

lismo não existe para dormir com o poder político como tem sido frequente acontecer.» Segundo o espanhol nascido em Córdoba, uma das lutas mais difíceis dos meios de comunicação é conseguir que as notícias não sejam dadas esporadicamente, mas que haja uma cobertura constante. «Se não se fala todos os dias do que está a acontecer, os leitores não percebem o que acontece. Não serve para nada contar só o que é mais mediático.» Para ele, o jornalismo espanhol sofre com a concentração de meios em poucas mãos e com a cumplicidade com o poder. «São empresas que têm interesse em certos países e estabelecem relações obscenas com eles. Não é o jornalismo o que está em primeiro lugar, são os interesses dos grupos mediáticos», dispara, e exemplifica: «O Banco Santander é o maior financiador de compras de armas deste país, e ninguém diz isso. Ninguém fala disso porque o Santander comprou parte da dívida da maioria dos grupos de comunicação.»

Sem meias palavras, Sánchez defendeu que o jornalismo atual não sofre com uma crise financeira, mas sim de identidade. «Quanto mais publicidade há num jornal, maior é a incidência de censura nela. Traiu-se o princípio básico do jornalismo há muito tempo.» Sobre a disponibilização de conteúdo gratuito por Internet, Sánchez é categórico: «Investigar o que acontece é difícil e custa muito dinheiro. Se não queremos pagar por isso, teremos uma sociedade mais mal informada e manipulada.»

FOTOGRAFIAS: HAY FESTIVAL/DIVULGAÇÃO



imagine the world  
HAY FESTIVAL.ORG









Hay Festival:

Javier

Marías

e o

risco

de

contar

**P**aul Ingendaay, o entrevistador, pede. Javier Marías, o entrevistado, duvida. Diz que talvez a luz e o facto de estar sem os óculos possam atrapalhar. «Só o começo», insiste o jornalista alemão. Marías apanha o livro sobre a pequena mesa, engole saliva para limpar a voz e, sem se levantar da cadeira, dá início à leitura: «Não faz muito tempo que aconteceu aquela história. Menos do que costuma durar uma vida, e que pouco é uma vida uma vez terminada e quando já se pode contar em umas frases...» A voz levemente metalizada do escritor espanhol, amplificada pelas caixas de som, dissemina-se pela Igreja do Convento de Santa Cruz de la Real, em Segóvia. As palavras lidas lentamente, com ritmo e segurança, parecem ir preenchendo o espaço, contornam os arcos de mármore, tocam os vitrais, chegam até à alta cúpula, envolvem os ouvintes. Durante alguns minutos, o silêncio das centenas de pessoas, a voz de Marías, a construção, tudo fazia lembrar uma cerimónia religiosa, e talvez de alguma maneira se tratasse disso: um ato de devoção. Neste caso, devoção à literatura.

O trecho lido durante o Hay Festival de Segóvia é o começo

de *Así empieza lo malo*, romance que o escritor acaba de publicar. Ali, naquele princípio de história, estão algumas das temáticas que marcam a trajetória literária de Javier Marías, um dos autores mais consagrados da atualidade no universo da língua espanhola. O perdão, o esquecimento, o rancor, o passado, a renúncia a saber, o contar ou não contar um segredo, questões que aparecem constantemente nos relatos do autor de *Mañana en la batalla piensa en mi* (2000), estão novamente presentes no seu mais recente livro.

«Nos meus romances, o narrador muitas vezes não queria ter sabido que algo aconteceu. “Eu não quis saber, mas soube que”, diz o narrador de *Corazón tan Blanco* [1992]. Esse dilema de renunciar a saber é o reverso do detetivesco», explicou, na conversa com Ingendaay, o autor de *Tu Rostro Mañana/Fiebre y lanza*, cujo princípio é: «Não deveríamos nunca contar nada.» Porquê contar? O que contar? Como contar? Quais as implicações de contar? São dúvidas que esse escritor nascido em Madrid em 1951 carrega há décadas. Talvez já estivessem presentes em 1971 quando, com apenas 19 anos, publicou o seu primeiro romance. Desde então tem dedicado a vida à literatura (foi professor universitário, tradutor e além de romances escreve contos e ensaios), e tem-se debruçado sobre essas questões. A elas nos últimos tempos juntou-se outra: até quando contar?

**D**epois de escrever as cerca de 1600 páginas da trilogia *Tu rostro mañana* Javier Marías pensou que havia chegado a hora de se calar, ou de pelo menos não escrever mais ficção. Tinha alcançado grande notoriedade e respeito, e próximo dos 60 anos e dos quase 40 como escritor cogitou ser o momento de parar. «Faz anos

que ele diz que está cansado de escrever romances, e não para de escrevê-los», provocou, com bom humor, Ingendaay na conversa em Segóvia. «A verdade é que naquele momento eu tinha a sensação, depois dos oito ou nove anos que levei para escrever *Tu Rostro*, que já não tinha muito a dizer», respondeu Marías. Fez uma pausa, e continuou: «Às vezes pergunto-me se realmente não é supérfluo. Bem, talvez seja um livro supérfluo, mas todos os livros, em realidade, o são. Não há nada necessário nesse campo. O mundo seria o mesmo sem a obra de Shakespeare, de Joseph Conrad... Sem a obra de todos, talvez não fosse o mesmo, mas sem cada uma delas, sim.»

Depois da trilogia de *Tu Rostro Mañana* – finalizada em 2007 com a entrega de *Veneno y sombra y adiós* – o escritor escreveu mais dois livros: *Los Enamoramientos* (2011) e o romance que agora publica. A

explicação para continuar a escrever é menos metafísica, e mais humorada. «Já são 43 anos a escrever, mas talvez eu continue porque de outra maneira o tempo não passaria. Ainda não cheguei à idade da reforma, mas estou próximo, e ninguém me daria trabalho agora. De algum modo há que se passar o tempo. Às vezes pergunto-me se não continuo a escrever romances porque não sei o que fazer.»

**R**ecentemente Javier Marías publicou um artigo em que cita sete motivos para não se escrever um romance – entre eles a existência de muitos bons livros, a ínfima possibilidade de ganhar dinheiro ou fama com algo que exige muito tempo e obriga a uma completa solidão – e apenas um para o fazer: «Escrevê-los permite ao romancista viver boa parte do seu tempo instalado na ficção, seguramente o único lugar suportável, ou o que o é mais.» E talvez seja por isso que, apesar de tantas dúvidas quanto à serventia do que faz, e apesar do cansaço, Javier Marías continue a contrariar a sentença inicial de um dos seus livros mais conhecidos e continue a contar.

Hay Festival:

cinco

minutos com

a diretora

Maria

Sheila

Cremaschi

### ***O que faz do Hay Festival de Segóvia esse encontro tão agradável?***

É a cidade, com os seus espaços monumentais, as suas igrejas românicas, os seus jardins renascentistas e palácios medievais que nos convoca a ocupá-la. O festival, além dos debates, tem um programa de artes visuais, concertos e leituras públicas em 15 espaços simultâneos.

### ***O que é o mais complicado para quem organiza: convencer os participantes? Fazer com que o programa seja atrativo ao público? Encontrar financiamento?***

Sem dúvida é encontrar financiamento, e com a crise o desafio é maior a cada ano.

### ***Porquê essa opção por um programa tão diverso quanto à temática?***

Trata-se de um festival de ideias e desde a primeira edição segue o nome do festival fundado em Gales: Hay Festival of Literature and the Arts. Neste ano detivemo-nos em vários focos: inovação (com gastronomia, desenho e arquitetura), Europa (cultura, guerras e futuro da União Europeia), fomento à leitura (leituras públicas e associação de desportistas) e cultura transversal.

### ***Quais os números deste ano?***

Foram 75 sessões, mais de 150 participantes e mais de 21 mil espectadores.

### ***Que imagem guardará deste festival?***

Guardarei a dos espaços cheios de gente e alegria. Dos carros antigos de bombeiros que recolhiam os participantes no Hotel San Facundo e os levavam até ao convento. Foi maravilhoso ver Lord Chris Patten, Javier Marías, Vargas Llosa, a serem conduzidos nos carros de bombeiros antigos.

### ***Em 2015 há mais?***

Começaremos agora as visitas aos patrocinadores para saber com quem podemos contar para o próximo ano. E assim, tijolo a tijolo, começamos a construir o festival do ano que vem.

AVIAAGEM

DO

FIFTEENITE

CRONICA DE UMA DIGRESSAO  
EM NUMEROS NADA REDONDOS

SARA FIGUEIREDO COSTA fotografias de RICARDO CHAVES













## A VIAGEM DO ELEFANTE

N

o passado dia 27 de setembro, a digressão de **A Viagem do Elefante** por Viseu Dão Lafões fez a sua última paragem deste ano. O espetáculo construído pelo Trigo Limpo/ ACERT a partir do romance homónimo de José Saramago encerrou em Aguiar da Beira o seu périplo, que contou com a adição de dois jornalistas, em regime de cronistas, à equipa habitual (esta que vos escreve e o camarada de redação desta revista, Ricardo Viel), e de dois fotógrafos cuja disponibilidade não tem descrição à altura.

Passar quatro meses na estrada com uma companhia de teatro dá uma nova perspetiva à expressão «fugir com o circo», retirando-lhe todo o sarcasmo com que normalmente é utilizada e conferindo-lhe o sentido pleno de quem experimenta, em comunidade, o processo de erguer um espetáculo e partilhá-lo com um público. Há uma parte de loucura nisto tudo, claro, ou daquilo a que chamamos loucura, mas que é capaz de ser, afinal, coragem, vontade de contrariar os impossíveis, um gesto em direção ao que está por fazer e merece ser feito. Talvez tenha sido assim que alguém se lembrou de construir um elefante em tamanho natural, ferro e vime a darem forma a um paquiderme que se move, emite barritos, ganha vida e alma e nervo à medida que nos aproximamos. A ACERT chama-lhe engenho cénico, e assim há de ficar registado, mas este enorme Salomão está mais para ser do que para parecer.

Os dados reunidos pela organização registaram números grandiloquentes: 17 070 espectadores ao longo de 14 apresentações; 8722 horas de trabalho nos dias passados em cada localidade; 680 participantes locais que se juntaram aos atores do Trigo Limpo para integrarem o elenco; 1 239 378 visualizações de notícias relacionadas com a digressão no Facebook. Do que ninguém se lembrou foi de contabilizar o número de pessoas que se aproximaram do elefante e quiseram tocar-lhe. Houve crianças, sim, naquele limbo de dúvida perante a realidade do animal, mas houve igualmente muitos adultos, certos de que o que ali viam era um «boneco» e ainda assim decididos a fazerem uma festa num bicho que, graças a esse gesto tantas vezes repetido, foi ganhando corpo para além da verosimilhança, quase como um Pinóquio de tromba.

**17.070**  
espectadores

## A VIAGEM DO ELEFANTE



Quatro meses na estrada renderam 15 212 quilómetros de alcatrão (e alguns caminhos de cabras) percorridos pela equipa ao longo dos municípios de Viseu Dão Lafões. Outros números reunidos pela organização seriam melhor cartão de visita para esta espécie de balanço em ritmo de crónica, mas quando se tem pavor de andar de carro e se cumpre parte considerável dessa distância dentro de uma viatura, é esse o valor a que nos agarramos. A quantidade de Vomidrin ingerida pela cronista, que ao medo da estrada acrescenta o enjoo sobre as quatro rodas, também não entra nas contas, mas a farmácia aqui do bairro agradece. Felizmente, as náuseas terminam quando se pisa terra firme, pelo que os percalços de um estômago fraco para viagens nunca interferiram com o convívio nem com a hora de comer. Entre pratos e talheres, foram 1338 as refeições consumidas pela equipa da ACERT nos catorze locais por onde passou o elefante. Dito assim, parece apenas estatística, mas porque a mesa é muito mais do que o lugar onde se come, importa dizer que A Viagem do Elefante foi também um percurso pelo interior de um país que tantas vezes acredita que se acaba no litoral, pelo património cultural onde cabem muito mais do que monumentos e, claro, pela gastronomia, elemento essencial na cultura de cada sítio. Entre chanfanas capazes de acordar um morto, vitelas de Lafões que se cortam como manteiga e broas cozidas em velhos fornos de lenha que nenhuma padaria de franchising alguma vez poderá imitar, o que se comeu nesta digressão não foi apenas alimento para o corpo.

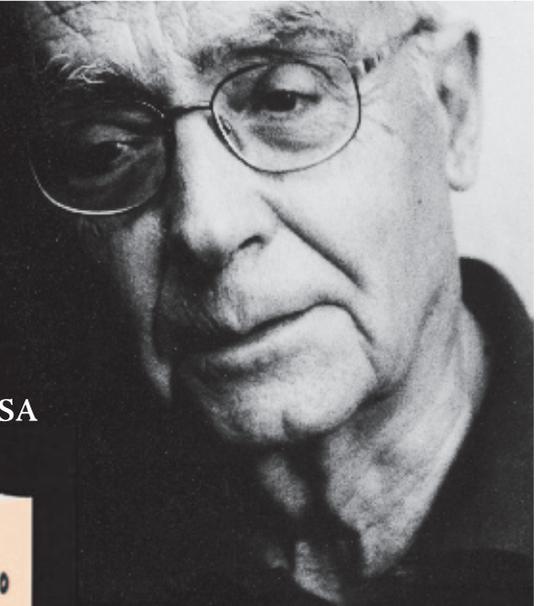
Enquanto acompanhava Salomão e a ACERT, aprendendo a cada semana um pouco mais sobre como se monta um espetáculo, como se colocam pessoas sem nenhuma experiência de palco a interpretarem um texto, como se move um elefante entre municípios sem interromper o trânsito nas estradas nacionais, tive a sorte de ver um pedaço de burel transformar-se em capucha pelas mãos da Dona Adelaide, ou um crivo a ganhar forma a partir da madeira e do arame dobrado pelo Sr. Manuel. Provei broinhas doces em Santa Comba Dão, vi o belo queijo da Serra a curar à temperatura certa em Canas de Senhorim, assisti à debandada de rebanhos de cabras

**15.212**  
kilómetros

e ovelhas, assustados com a curiosidade de quem vem de fora e ousa invadir o pasto, descobri a serra de São Macário e a lentidão do tempo na aldeia das Covas do Monte, em São Pedro do Sul. Tudo isto poderia ter sido visto e experimentado em qualquer momento, claro, afinal o país é pequeno e chega-se a qualquer parte em menos de nada, mas os sítios por onde passámos, as pessoas que nos receberam e as histórias que nos contaram não seriam iguais noutra contexto.

**U**m elefante é bicho demasiado grande para não interferir nas vidas com que se cruza e Salomão não é exceção. A digressão de **A Viagem do Elefante** passou por 14 lugares, sim, mas passou sobretudo pelas vidas de milhares de pessoas, entre atores, técnicos, participantes, espectadores e viajantes do caminho. Os números já se referiram, e queira a cidadania que possam servir para iluminar as cabeças de tantos burocratas sobre a importância da cultura e de um trabalho que envolve a comunidade no tal desenvolvimento de que tanto se fala nos telejornais do nosso descontentamento, mas é das pessoas que vale a pena falar. A senhora de Canas de Senhorim que agradecia sentidamente o facto de alguém ter levado um espetáculo tão bonito à sua terra. Os miúdos do Conservatório de Música e Artes do Dão que participaram no espetáculo, tocando ao lado dos músicos do elenco. Os dois homens que discutiam, no café, sobre se o elefante seria capaz de atravessar o largo ou não. Um dos participantes da digressão do ano passado, que foi de Figueira de Castelo Rodrigo até Viseu apenas para rever Salomão. O padre de Aguiar da Beira, que desligou o sino no sábado à noite para que as badaladas não interferissem no espetáculo. Sempre por perto, uma jornalista feita cronista a perceber, semana após semana, que não se volta igual de uma viagem assim. Fugir com o circo parece-me, depois destes quatro meses, a coisa mais sensata, lógica e necessária que se pode fazer com a vida, mesmo sem uma companhia de teatro, mesmo sem um elefante.

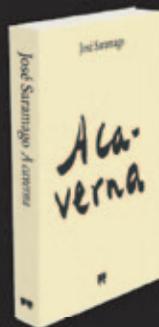
# JOSÉ SARAMAGO



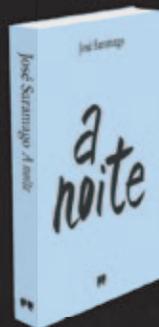
CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



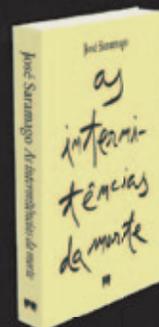
Eduardo Lourenço



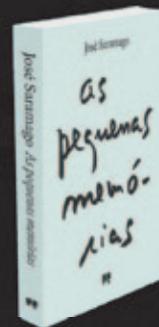
Armando  
Baptista-Bastos



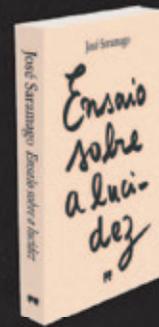
Mário de Carvalho



Valter Hugo  
Mãe



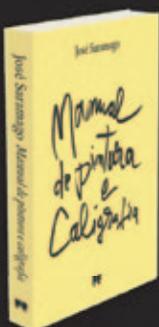
Gonçalo M.  
Tavares



Dulce Maria  
Cardoso



Álvaro Siza  
Vieira



Júlio Pomar



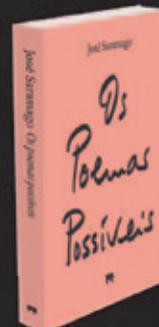
Lídia Jorge



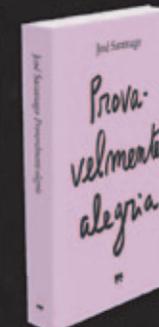
Mía Couto



Maria do Céu  
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice



DULCE MARIA ZUÑIGA

**PORQUÊ LER CORTÁZAR?**

## O CRONÓPIO CENTENÁRIO. PORQUÊ LER CORTÁZAR?

No dia 22 de setembro Dulce María Zúñiga, diretora da Cátedra Julio Cortázar da Universidade de Guadalajara, esteve em Lisboa para participar numa homenagem ao escritor argentino na Biblioteca Nacional de Portugal. Preparou um discurso, mas preferiu falar de improviso, como os demais participantes (Nuno Júdice e Carles Álvarez Garriga) da mesa. O jornalista e editor Carlos Vaz Marques, que moderou a sessão, ao ler o texto que a professora mexicana havia preparado, sugeriu-nos que essas palavras não se perdessem e fossem publicadas na *Blimunda*. Aqui estão.



2014 é um ano de efemérides centenárias na literatura mundial. Faz cem anos vieram à luz (entre muitos outros) o poeta chileno Nicanor Parra (que continua tão vivo como em 1914), os mexicanos Octavio Paz, Efraín Huerta e José Revueltas. Também Marguerite Duras, Dylan Thomas, Oscar Lewis, Roman Gary, William Burroughs...

Todos eles vêm ao mundo num ano transtornado pelo início do que se converteria na Grande Guerra, a Primeira Guerra Mundial. Paradoxo vital, no ano que será recordado como o ano bélico, nasceram também grandes pensadores e escritores, que deixariam a sua própria marca na História. Um deles é Julio Cortázar, que viu a luz a 26 de agosto de 1914, na Bélgica, mas com nacionalidade argentina.

Há que se reconhecer que a efeméride centenária comove porque os números redondos impressionam a maioria dos seres humanos: comemoramos com fervor especial os aniversários que culminam em 0, 10, 20, 40, 50... E, portanto, o simbolismo do 100 e a palavra «século» revestem-se de um significado arcano. Nós, os leitores de Cortázar (que continuam a multiplicar-se dia a dia no planeta), aproveitamos esta data para repensar a sua figura e obra.

Cortázar é, sem dúvida, um dos autores mais destacados da língua espanhola. Foi também um escritor revolucionário: pela sua conceção de linguagem, pela forma como envolveu a estrutura dos seus romances, ensaios e contos, e pela sua adesão sincera (agora poderíamos classificá-la de ingénuo) às causas revolucionárias do seu tempo: Cuba e Nicarágua.

Cortázar gostava de se aventurar dentro das possibilidades extremas da linguagem e brincou com o idioma espanhol até chegar ao virtuosismo. A palavra que o define é procura: do fantástico no real, do mágico no quotidiano, procura de um sentido transcendente, ainda que religioso, para o homem; procura, enfim, de uma saída (passagem, túnel, ponto, galeria) que nos permita sair da rotina quotidiana que é uma das formas de designar a morte. Cortázar foi um humorista à moda de Alfred Jarry, para quem só o riso era sério; também um otimista não convencional, e um apaixonado pelos jogos.

Cortázar acreditava na solidariedade humana e isso levou-o a aderir às causas revolucionárias latino-americanas, como já dissemos antes. Durante a juventude e primeira maturidade, manteve-se alheio aos processos sociais. «As manifestações peronistas em Buenos Aires provocavam-me espanto; eu fechava-me em

casa e escutava uma sonata de Mozart enquanto lá fora gritavam: Perón, Perón! Evita, Evita!» A sua conversão e o compromisso político dão-se com a Revolução Cubana, que tem início em 1959. Mas pouco antes, em 1957, na altura de escrever *O Perseguidor* aconteceu alguma coisa. Até então a sua procura na literatura tinha sido estética. *O Perseguidor* obrigou-o a sair de si, a encarnar o outro através da escrita, porque até então se havia mantido distante. «No Perseguidor – disse Cortázar a Evelyn Picon Garfield – há uma espécie de final de uma etapa anterior e começo de uma nova visão do mundo: a descoberta do meu próximo, a descoberta dos meus semelhantes [...] comecei a interessar-me pelos problemas históricos que até esse momento me tinham deixado totalmente indiferente.» <sup>1</sup>

Cortázar atribuía à leitura uma função transcendente. Apesar de não se definir como alguém com grande capacidade crítica – «isso eu não tenho, tenho intuições» – escreveu em 1947 um importante ensaio sobre a literatura contemporânea intitulado «Teoria do túnel», publicado no primeiro volume da sua *Obra Crítica*. Nesse ensaio, depois de examinar o estado da literatura à luz do existencialismo e do surrealismo, conclui que ambos os movimentos «reafirmam com amargo orgulho que o paraíso está aqui em baixo», situação que o deixava enormemente satisfeito porque «renegam a promessa transcendente».

A literatura devia abrir um buraco na realidade, construir um túnel que pudesse levar-nos a outra parte. Na essência isso é o que ressalta na maioria dos seus extraordinários contos de *Bestiario* (1951), *Final del juego* (1956) y *Las armas secretas* (1959).

Extraordinários contos: pela qualidade da sua prosa e pelo seu alto voo imaginativo, mas sobretudo porque propõe uma passagem a outra realidade. A literatura ali exposta abria um túnel comunicante – superação da angústia existencialista e do onirismo surrealista – entre o real e o fantástico; um túnel que conduzia o leitor a um plano transcendente, mas essa transcendência estética, metafísica, em breve se lhe afigurou insuficiente. Foi então que escreveu o conto *El Perseguidor*.



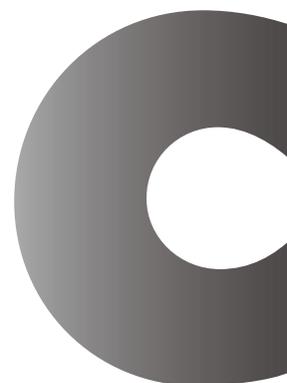
A transcendência que Cortázar experimentou em *O Perseguidor* foi sobretudo ética. Um túnel do humano ao humano. Uma fissura para passar do eu ao outro. *O Perseguidor* foi o primeiro passo nessa direção; *Rayuela* (1964) não foi um segundo passo, foi um enorme salto, no vazio, uma revolução no sentido mais pleno da palavra. *Rayuela* propôs-se a revolucionar, como nenhum outro romance o tinha feito antes no nosso idioma, a estrutura do romance; propôs-se revolucionar a própria língua, mas sobretudo modificar o sentido final da literatura. Não de maneira existencialista (mas a literatura envolvia um compromisso profundo com o homem). Também não de modo surrealista (mas a literatura devia encarnar os sonhos). Em resumo, a literatura devia servir para transformar o homem, para conduzi-lo a outro plano da realidade.

<sup>1</sup> Cortázar por Cortázar, entrevista com Evelyn Picon Garfield, Universidad Veracruzana, col. Texto crítico, 1978.

Esta pretensão desmesurada ficou exposta no seu esclarecedor *Cuaderno de bitácora de Rayuela* (1983) escrito com Ana María Barrenechea. Ali exhibe os planos, as notas e o seu diário de escrita. Como o leitor recorda, *Rayuela* é composta por capítulos narrativos e por passagens reflexivas, o chamado «Cuaderno de Morelli». Ali diz: «Que é, no fundo, essa história [refere-se à história de Oliveira, Traveler, Talita e da Maga] senão a esperança de encontrar um reino milenário, um éden, outro mundo?» A isso aspirava Cortázar, e não devemos minimizar a sua tentativa: desejava alcançar, a partir do romance, «outro mundo». Mas, como se pode conseguir isso? A maioria dos romancistas quer contar uma boa história, provocar arrebatamento ao seu leitor; Cortázar pretendia outra coisa, queria que o leitor alcançasse mediante a leitura o que ele mesmo havia alcançado através da escrita. Queria que o leitor, graças a complicados jogos de estrutura e de linguagem, vislumbrasse que este mundo podia ser outro: «o reino milenário», «o kibbutz do desejo». Que era «a realidade» para Cortázar? Algo que entorpeceria a procura individual; a realidade era um véu que impedia perscrutar o real. Cortázar intuía uma realidade mais real «na qual o homem se encontrasse consigo mesmo numa espécie de uma reconciliação total e de anulação de diferenças», segundo confessou a Luis Harss em *Los nuestros*. **2**

Cortázar queria levar o seu leitor «ao abismo do ser» de Octavio Paz, ao Nirvana budista. *Rayuela* «é um convite – disse Harss – a dar um salto mortal fora do tempo para cair na outra margem, na eternidade». Muito bem, mas como conseguir, com as ferra-

mentas com as quais conta um narrador, que o leitor alcance essa «outra margem»?



Cortázar, por meio de uma estrutura narrativa que avança em saltos no tempo e no espaço, teceu um labirinto engenhoso que conduz o leitor do «lado de lá» e do «lado de cá», para levá-lo ao centro da sua mandala, ao ponto do seu romance que ele pretendia que fosse a passagem que levasse o leitor, de golpe, ao outro lado. Quis, numa passagem específica do romance, provocar no leitor uma espécie de *satori*, essa iluminação súbita de que fala o budismo zen. Essa passagem (túnel, ponte, galeria) encontra-se no centro do seu romance.

No seu *Bitácora*, Cortázar anota uma citação de Mircea Eliade: «No coração da mandala é-lhe possível operar a rutura dos níveis e ter acesso a um modo de ser transcendental». O leitor, conduzido por Cortázar, transitaria por passagens altamente emotivas (o culto ao infortúnio da Maga, a fraternidade parisiense de um grupo de amigos unidos pelo jazz) e reflexivas, até ao centro do seu labirinto narrativo. Ali lhe soltaria a mão e lhe daria um leve empurrão para o vazio.

A obra inteira de Cortázar está vigente. Vale a pena revistá-la e deixar-se guiar e convencer pelas personagens inesquecíveis. O tempo, o único crítico literário certo e incorruptível, situou-o no lugar de honra da biblioteca ideal.

**2.** Luis Harss, *Los nuestros*, Alfaguara, 2012, 1.<sup>a</sup> ed. 1966.

# EDUARDO LOURENÇO

## **SALVEMOS A AMÉRICA (LATINA)**

A propósito do centenário de Julio Cortázar, o professor Eduardo Lourenço recuperou um texto escrito em 2003 que agora se publica pela primeira vez.

**T**alvez não haja no mundo nenhum espaço cultural mais disperso por fora e mais unido por dentro que o enraizado, desde o século XV, na antiga Ibéria filha de Roma e do Mediterrâneo.

Foi o primeiro espaço global e já globalizante do Ocidente, de Lisboa e Sevilha a Malaca, às Filipinas, do Rio Grande à Patagónia, de Ceuta à Ilha de Moçambique, de Macau a Timor.

Deste antigo e duplo manto imperial ibérico, hoje convertido em mítica nostalgia como História, pouco restaria se o tecido onde foi recortado não fora o da língua ibérica de dupla face onde é possível a milhões de homens conversarem à mesma mesa onde outrora se sentaram Camões e Cervantes e hoje se entendem sem precisar de traduções García Marquez e Saramago ou Javier Marías e Haroldo de Campos. Não é pequeno milagre este e o seu alcance é de todas

as ordens, desde a cultural à geo-estratégica em sentido largo, onde, felizmente, a planetária presença da cultura de raiz ibérica é a de um arquipélago com vocação de paz. É no seu vasto espaço que obstáculos até hoje insuperáveis, contradições da História e da sua vontade de as solucionar à medida da utopia universal, que Colombo e Vasco da Gama levaram da velha Europa, fazem da galáxia ibérica, ibero-americana, ou ibero-africana, um paradoxal mundo cindido no seu próprio coração, ou na sua vida, que podia ser paradisíaca, entre o esplendor e a mais inaceitável miséria.

Nunca uma parte do nosso espaço culturalmente próximo conheceu no seu seio um tão dissimétrico destino. Pensemos no mundo de raiz ibérica pós-colonial. Apenas há uma vintena de anos países como a Argentina, o Uruguai, a Colômbia, a Venezuela, o imenso Brasil pareciam querer sair desse passado colonial a que, evocando-o para fins polémicos, atribuíam a causa dos seus males

## SALVEMOS A AMÉRICA (LATINA)

endémicos: guerrilha política permanente, desenvolvimento económico alternando milagres e insucessos catastróficos tornando impossível um futuro digno daquela Europa de onde uma parte dos novos países tinham vindo para inventar um mundo novo e, se possível, mais humano e atraente. Neste momento alguns desses países como se fossem um barco naufragado aspiram até a voltar ao ponto de partida. Para nós ibéricos europeus não há hoje dever mais imperioso do que meditar numa tragédia que nos diz respeito, não apenas como outras da humanidade em geral, mas como nossa. Tanto mais que essa nova situação dos antigos filhos da América, dos eldorados que foram ou querem ser para eles mesmos e para a Europa de onde partiram, não são apenas dolorosas peripécias na marcha do Ocidente para um destino «à americana» mas, virtualmente, um aviso para o nosso próprio futuro de ocidentais ou mesmo de simples cogentes de um mundo cada vez mais difícil de assumir em termos de sucesso e de solidariedade universal.

**A** Europa que tão egoistamente feliz e bem sucedida se contempla – e nela nós mesmos ibéricos quase terceiro mundo há apenas meio século – em sentido próprio agoniza nos bairros do Uruguai e da Argentina, culturas e sociedades florescentes de vinte anos. Simbolicamente, mesmo se era por excesso de utopia, aos ibéricos europeus sempre perdoavam o futuro nessas

nações que, por definição, eram novo mundo. Gostamos, e é natural que nessa nova dimensão da nossa própria cultura novas versões dela, hoje exemplares para a humanidade inteira, os Borges, os Lézama Lima, os Varga Llosa, os Guimarães Rosa, os Portinari, os Niemeyer, acrescentem ao património do nosso velho mundo uma outra voz, uma outra música, uma outra maneira de ser a mesma coisa com outro sabor, como uma Igreja de Minas ou do México são as nossas em outro céu e com outro esplendor. Contudo uma parte desse mundo, dessa cultura, dessa civilização que é também nossa ou com ela tem laços indeléveis está ameaçada na sua própria existência. Não apenas pelo carácter anómalo ou patológico de algumas das suas expressões, como na Colômbia, mas quase no seu funcionamento *estrutural* de sociedade com passado já glorioso e incapazes, pura e simplesmente, de *subsistir*. Em tempos, Miguel de Unamuno dizia que a Espanha lhe doía. Talvez já não o dissesse hoje ou pelos mesmos motivos. Neste momento dói-nos a América Latina – ou parte dela – e talvez não haja para nós, ibéricos, imperativo político e cultural mais urgente do que *salvar* um mundo com que em tempos de miséria nossa sempre pensámos para nos salvar. Ou apenas para ser quem somos no mundo por eles existirem e serem quem são.

Vence, 30 de abril de 2003

ROLD DE

LIVROS

ANDREIA BRITES

UMA HISTÓRIA

EM FICHAS

DE LEITURA



Esta é uma história de leituras e da sua legitimação, que nasceu para ser secreta e hoje é pública. Com alguns protagonistas e muitas personagens anónimas, idealizadas: os leitores.

### **Nas origens da Comissão de Leitura**

**T**udo começa em finais da década de cinquenta do século passado: a Fundação Calouste Gulbenkian, em Portugal, havia sido recentemente legitimada juridicamente, e começava a desenvolver projetos culturais, em nome próprio ou através do seu serviço de Bolsas, o primeiro a ser criado. Azeredo Perdigão, presidente vitalício da instituição, convida então o escritor Branquinho da Fonseca para que este crie e dirija o Serviço de Bibliotecas Itinerantes, que marcaria profundamente várias gerações de leitores por todo o país e lhes deixaria gravada na memória a imagem das carrinhas cheias de estantes com livros.

Estamos em 1959 e Branquinho depara-se com uma questão: que livros levar a populações maioritariamente analfabetas, isoladas, rurais e semiurbanas, geograficamente distintas? «É preciso analisar a situação à luz da época, para não acharmos tudo ridículo, como já ouvi algumas pessoas dizerem», alerta Maria Helena Borges, atual Diretora-Adjunta do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas.

Quando Branquinho da Fonseca começa a avaliar a situação editorial constata que há poucas ou nenhuma edição de qualidade de autores que considera de referência: os clássicos oitocen-

tistas, de entre os quais o seu preferido, Camilo Castelo Branco. Encomenda então a edição de uma coleção, cuidada, que até hoje persiste no fundo de algumas bibliotecas públicas, herdeiras das Bibliotecas da Gulbenkian e que se reconhece pela encadernação vermelha com um O, inicial de Obras de Camilo. O escritor, agora diretor de serviço, manifesta também sérias reservas no que respeita às traduções de livros estrangeiros, que considera maioritariamente sem qualidade. Numa circular de 1970, passada uma década de existência das Bibliotecas Itinerantes, pode ainda ler-se: «A leitura de autores portugueses é a primeira condição para o conhecimento da nossa cultura e para o melhor domínio da língua portuguesa [...]. Sem lhes limitar a liberdade de escolha devem no entanto ser aconselhados (sem insistência, mas convictamente) a preferir a leitura de obras portuguesas. A maior parte das traduções são de inferior qualidade, [...] viciando-os (os leitores) em formas de linguagem pobres ou de construção estrangeirada [...]»

Com um diagnóstico traçado sobre o mercado editorial e uma ideia muito concreta para o serviço, Branquinho da Fonseca decide então criar uma Comissão de Leitura que terá como função avaliar a qualidade e adequação dos livros a montante da sua integração nas carrinhas itinerantes. Pretendia-se assim controlar o acesso ao livro, que no local seria livre, apenas mediado pelas sugestões do Encarregado da Biblioteca.

À época, as editoras enviavam dois exemplares de cada novo título para a Fundação Calouste Gulbenkian: um ficava no fundo geral, o outro era entregue ao consultor para análise. Dessa leitura

resultaria um registo numa ficha com um formulário específico para a avaliação do texto, propriamente dito, a sua adequação ao público em geral e a decisão ou não de se comprar um determinado número de exemplares para as Bibliotecas Itinerantes.

São essas fichas de leitura que o site *Leitur@Gulbenkian* disponibiliza na secção Rol de Livros. Nestas fichas, nas suas motivações e nos seus critérios críticos residem exemplos notáveis da história da leitura em Portugal. Como se leu, nos últimos cinquenta anos, por exemplo, *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós? Ao pesquisar pelo título, chegamos a quatro recensões (uma anónima, sem data, da qual consta apenas uma anotação à mão; a de Domingos Monteiro, em 1961, a de Monteiro Grilo em 1964 e a de Adolfo Simões Muller em 1980) com apreciações distintas, não exclusivamente do ponto de vista literário mas da receção da leitura, condicionada pelos valores morais de cada momento.

### **Recenseadores e Critérios de apreciação**

**R**ecuemos no tempo de volta à origem da criação da Comissão de Leitura. Quando Branquinho da Fonseca funda o Serviço de Bibliotecas Itinerantes traz consigo a experiência da Biblioteca Itinerante que criara aquando Conservador do Museu Biblioteca Conde Castro de Guimarães, em Cascais. A sua visão acerca do tipo de público das Bibliotecas Itinerantes, explicitada

logo na apresentação do projeto e em circulares internas da Fundação Calouste Gulbenkian, centrava-se em utilizadores pouco alfabetizados, maioritariamente adultos, com pouco ou nenhum conhecimento sobre obras e autores. Era por isso, na sua perspetiva, essencial mediar o acesso ao livro, não através de uma censura prévia mas do aconselhamento e da melhor adequação possível do fundo disponível na carrinha, com cerca de 2000 títulos, às competências dos leitores.

A partir desta premissa – a da adequação do livro ao leitor – Branquinho da Fonseca elabora a tal ficha de leitura a que corresponderá um código visual inscrito na lombada dos livros, para maior rigor na disposição dos volumes nas prateleiras das Bibliotecas Móveis. A ficha tem vários campos, entre eles uma escala de qualidade do livro, uma de dificuldade e outra de adequação: um livro muito bom ou excelente, do ponto de vista literário, poderia ser recomendado apenas para pessoas com formação cultural, dado o grau de dificuldade da obra. Ao invés, a obra pode ter apenas um valor médio mas o recenseur recomenda-a para todos, sem exceção, significando isto que não estava vedada ao leitor comum.

Em 1961, escreve Branquinho da Fonseca numa circular: «Entre os próximos livros que serão enviados às bibliotecas figuram vários de Shakespeare. Chama-se a atenção dos Srs. Encarregados para a circunstância de tais obras, embora, em geral, de difícil compreensão, se encontrarem classificadas como fáceis, fila laranja a meio da lombada, afim de que o seu empréstimo possa ser feito aos adolescentes com o grau de cultura suficiente para as compreender.»

Há todo um protocolo sempre em aperfeiçoamento para distinguir a oferta que o fundo itinerante levava às populações dos títulos que poderiam ser requisitados pelos leitores. Muitos deles não existiam e outros constavam entre aqueles que apenas se adequavam a pessoas de formação cultural e moral elevadas, por de alguma maneira criticarem ou ajuizarem sobre o modelo social e os valores morais da época. Havia por isso uma biblioteca central onde esses títulos estavam reservados a leitores especiais.



quem determinava as escolhas era a Comissão de Leitura, liderada em última instância pelo diretor do serviço, cuja avaliação era soberana e acontecia por vezes como forma de desempate. No caso do *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, por exemplo, há nas fichas de leitura a indicação 1.ª leitura e

2.ª leitura, realizadas por recenseadores distintos (Monteiro Grilo e António Quadros) por divergências quanto à disponibilização do título nas carrinhas ou apenas mediante pedido de reserva do leitor.

O modelo das fichas manteve-se praticamente inalterado até ao encerramento do Serviço das Bibliotecas Itinerantes, já na década de noventa. No entanto, o discurso dos recenseadores foi sofrendo alterações, motivadas por outras perspetivas sociais, políticas e educativas. Os próprios recenseadores mudaram. A questão da censura será a mais delicada. Daniel Melo, no estudo «Leitura e

Leitores nas Bibliotecas da Fundação Gulbenkian» disponível na internet, realça os condicionalismos da requisição domiciliária e acentua questões relacionadas com o regime salazarista e o discurso vigente. Maria Helena Borges salvaguarda: «As carrinhas tinham 2000 títulos, todos disponíveis para os leitores, que os podiam requisitar todos. Só havia controlo para as crianças: havia livros para crianças e elas não levavam livros para adultos a não ser que os encarregados da biblioteca, que eram uma espécie de mentor das crianças e dos leitores, fossem vendo que a evolução do miúdo já permitia que lesse certas coisas. Tinha a ver com a maturidade da criança, não havia censura.»

Inclusivamente, por parte do poder central não houve nunca, segundo Maria Helena Borges, ingerência neste serviço, chegando o próprio Salazar a inaugurar algumas das primeiras bibliotecas itinerantes. Também é verdade que alguns dos recenseadores estavam relativamente próximos do regime, tanto quanto outros se lhe opunham, alguns dos quais chegaram a ser contratados por Branquinho da Fonseca em hora de maiores aflições com o regime. Em contrapartida, os poderes locais manifestavam aqui e ali uma pressão poderosa contra as Bibliotecas Móveis. «Há histórias inacreditáveis. Quando viam a carrinha os padres tocavam os sinos a rebate, para não deixarem as pessoas irem... Há uma história de uma carrinha que chegou a um sítio e quando se aproximou viu os livros todos a serem atirados para o adro da igreja e a serem-lhes pegado fogo. Aquilo para os padres era o demónio», recorda Maria Helena Borges.

O que havia, e isso é claro, era uma visão um pouco absoluta do

ROL DE LIVROS: UMA HISTÓRIA EM FICHAS DE LEITURA

← **O Crime do Padre Amaro**

QUEIROZ, Eça de.

O Crime do Padre Amaro. (Bibl. de Iniciação Literária, 10)

Ficha n.º ..... 17/6/80 ..... Data .....  
 Acta n.º ..... 181 ..... a) Adolfo Simões Müller

Género <b>Literatura</b>		Valor <b>Muito bom</b>
Intenção <b>Crítica de uma época</b>		Acessibilidade <b>Fácil</b>
Idade <b>14+</b>		Meio para que é recomendável <b>Especialmente o de estudiosos</b>
MUITO RECOMENDÁVEL / RECOMENDÁVEL / ACEITÁVEL / NÃO ACEITÁVEL		
0 Generalidades	5 Ciências puras	Palavra ordenadora (ou palavras) ou conceito :
1 Filosofia	6 Ciências aplicadas	
2 Religião. Teologia	7 Belas-Artes. Desportos	
3 Ciências sociais	8 Literatura	
4 Filologia. Linguística	9 Geografia. Biografia. História	
Assunto e outras observações : "O Crime do Padre Amaro", que inicia a série de romances com que Eça pretende dar-nos "o diagnóstico dos males da sociedade portuguesa", na expressão de António José Saraiva, sendo a obra depois de "Os Maias" de cunho acentuadamente diferente, data de 1875, e o conhecido prefácio da 2ª edição, reproduzido agora, neste volume apresentado pela Livraria Lello, tem a data de 1 de Janeiro de 1880. Escrito, pois, precisamente há um século,		

tem a curiosidade de nos lembrar o pendor de ironia pessimista de Eça, manifestado aliás em todo o romance que termina, como se sabe, pelo encontro no Loreto, do Pe. Amaro e do Cônego Dias com o Conde de Ribamar, o estadista eminente. Os três homens exaltam-se na admiração da "grandeza nacional" - "ali ao pé daquele pedestal, sob o frio plhar de bronze do velho poeta, erecto e nobre, com os seus largos ombros de cavaleiro forte, a epopeia sobre o coração, a espada firme, cercado dos cronistas e dos poetas heróicos da antiga pátria - pátria para sempre passada, memória quase perdida". Como todos os livros de Eça de Queirós, esta obra é, evidentemente, para recomendar - e aquelas palavras finais, para convidar à meditação.

230 ex. pag.  
Acta n.º 33

Edit. **LELLO e IRMÃO** Desc. Preço **150\$** Adquirir

Mod. 40/A

**O Crime do Padre Amaro** →

1.815 1/5/961 QUEIROZ (Eça de)  
 Crime do Padre Amaro (O)

Género - Romance  
 Valor - M.B.  
 Intenção - Recreativa  
 Acessibilidade - Fácil  
 Idade leitores - Mais de 21 anos com formação moral e intelectual  
 Meio para que é recomendável  
 Muito recomendável  
Recomendável  
 Aceitável  
 Não aceitável

a) Domingos Monteiro

Assunto e outras observações: **D facto de se tratar de um dos romances mais significativos da obra do nosso grande Escritor, e que circula livremente leva-me,**

1.003/8

por razões culturais a propor a sua inclusão nas B.I. Entretanto - embora neste livro, não haja nada contra os dogmas essenciais da Religião Católica, essa inclusão terá de ser feita cautelosamente e de maneira diversa segundo as diferentes regiões do país, para não ferir susceptibilidades, visto tratar-se da história dum padre que não é colocado em boa situação moral. A esse respeito, o Director destes Serviços, decidirá o que achar por conveniente.

Lello - 100 ex. - 50\$00

## ROL DE LIVROS: UMA HISTÓRIA EM FICHAS DE LEITURA

8/298

CAMUS, Albert.

O Estrangeiro.

2ª leitura.

1886 15/5/61	Gênero <u>Romance</u>		
	Valor <u>M. B.</u>	Intenção <u>a)</u>	
a) Domingos Monteiro.	Acessibilidade <u>b)</u> Idade Leitores <u>c)</u>		
	Meio para que é recomendável <u>para as pessoas acima designadas.</u>		
	Muito recomendável / Recomendável / Aceitável / Não aceitável		
	Mod. 239/B		
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 70%;">                 0. Generalidades                  1. Filosofia                  2. Religião. Teologia                  3. Ciências sociais. Sociologia                  4. Filologia. Linguística                  5. Ciências puras                  6. Ciências aplicadas                  7. Belas-Artes. Desportos                  8. Literatura                  9. Geografia. Biografia. História             </td> <td style="width: 30%;">                 Palavra ordenadora (ou palavras) ou conceito:             </td> </tr> </table>		0. Generalidades 1. Filosofia 2. Religião. Teologia 3. Ciências sociais. Sociologia 4. Filologia. Linguística 5. Ciências puras 6. Ciências aplicadas 7. Belas-Artes. Desportos 8. Literatura 9. Geografia. Biografia. História	Palavra ordenadora (ou palavras) ou conceito:
0. Generalidades 1. Filosofia 2. Religião. Teologia 3. Ciências sociais. Sociologia 4. Filologia. Linguística 5. Ciências puras 6. Ciências aplicadas 7. Belas-Artes. Desportos 8. Literatura 9. Geografia. Biografia. História	Palavra ordenadora (ou palavras) ou conceito:		

Assunto e outras observações:

- a) Recreativa e de análise psicológica.
- b) Fácil aparentemente, mas difícil na realidade.
- c) Mais de 21 anos com formação moral e intelectual.

Este livro levantou dúvidas no espírito do Dr. Miranda Mendes, dúvidas que são justificadas pela própria natureza. Trata-se dum livro que coloca um problema grave - qual seja o da repercussão na consciência (repercussão ou falta de repercussão) da conduta individual - e que termina, como não podia deixar de ser em face dos dados do problema, sem nenhuma solução. Em qualquer caso, porém, não é um livro depressivo e podemos considerá-lo até exaltante, se nos colocarmos no ponto de vista do personagem que é o dum existencialista ateu. O amor pela vida, ou antes pelo acto de viver, percorre todas as pági-

Editor Livros do Brasil

Desconto 30%

Preço 30\$00

Compromisso ADQUIRIR

BI	<input type="checkbox"/>
A1	<input checked="" type="checkbox"/>
A2	<input checked="" type="checkbox"/>
B	<input type="checkbox"/>
BF	<input type="checkbox"/>
C	<input type="checkbox"/>
D	<input type="checkbox"/>
E	<input type="checkbox"/>
E1	<input type="checkbox"/>
F	<input type="checkbox"/>
BCE	<input type="checkbox"/>

O Estrangeiro

O Livro da Tila

1.984	A/286	19/6/961	✓	ARAUJO (Matilde Rosa)
				Livro da Tila (0)
Gênero - Poesia				
Valor - Bom				
Intenção - Recreativa, educativa e poética				
Acessibilidade - Fácil				
Idade leitores - 8 a 35 anos...				
Meio para que é recomendável - Para todos				
Muito recomendável				
<u>Recomendável</u>				
Aceitável				
Não aceitável				
Assunto e outras observações: Trata-se de um livro de boa poesia, que pela toada poderá interessar às crianças que entretanto não entenderão o seu verdadeiro sen-				

3.896/C

tido, o que já não acontecerá aos adolescentes. É de qualquer forma um livro de grande mérito que deverá figurar nas Bibliotecas Itinerantes.

Atlântida - 20\$00  
 "Os Nossos Filhos", Ld\*. - 100 ex. - 20\$00

500 ex. Res.  
 2/1/67  
 Livros Horizonte  
 600.00

ROL DE LIVROS: UMA HISTÓRIA EM FICHAS DE LEITURA

↳ Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto

CARVALHO, Mário de  
Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto. - Lisboa : Caminho, 1995. - (O campo da palavra)

Ficha n.º 19/12/95  
Acta n.º 51/95 a) Urbano T. Rodrigues

Género Romance Valor Bom  
Intenção Artística e recreativa Acessibilidade Fácil  
Idade 12+ Meio para que é recomendável Todos  
MUITO RECOMENDÁVEL / RECOMENDÁVEL / ACEITÁVEL / NÃO ACEITÁVEL

0 Generalidades	6 Ciências aplicadas. Medicina. Tecnologia	Palavra ordenadora (ou palavras) ou conceito:
1 Filosofia. Psicologia	7 Arte. Desportos	
2 Religião. Teologia	8 Linguística. Literatura	
3 Ciências sociais	9 Geografia. Biografia.	
4	História	
5 Matemática. Ciências naturais		

Assunto e outras observações: Este romance cheio de humor, estruturado e redigido de propósito à maneira do século 19, entre a narrativa e a crónica, com apresentação das personagens, desenvolvimento e epílogo, pinta muita da Lisboa dos anos 90 e em especial a vida e as rotinas de vários militantes, bem diversos uns dos outros, do Partido Comunista Português, sem deixar de focalizar também outros meios: jornalistas, publicitários, vendedores de automóveis, um dramaturgo, gente da rádio, etc. Mário de Carvalho, é hoje,

pelo casticismo da linguagem e pela sua inventividade um dos melhores prosadores portugueses, talvez o discípulo mais evidente de Aquilino e dos grandes clássicos de seiscentos. Tem, além disso, a capacidade de construir figuras de romances com muito relevo, verosimilhança e originalidade. Tais aqui Jorge de Matos, o escritor comunista, Joel Strosse Neves, o neófito no Partido aos cinquenta anos, Vitorino Nunes e Vera Quitério, aquela boa e branda "camarada" que diz sempre 'Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto'. Há também os oportunistas e uma mulher venenosa, a Eduarda Galvão. Enfim, uma galeria de retratos, alguns levemente caricatos, que poderão ficar na nossa literatura.

Reg 15/96

Apresentado por <b>Caminho</b>	Preço unitário 2 380\$(s/IVA)	Desconto	N.º de exs a adquirir 225 ex.
-----------------------------------	----------------------------------	----------	----------------------------------

Mod. 40/A

ACTA N.º 31/96

Rosa, Minha Irmã Rosa ↳

VIEIRA, Alice.  
Rosa, minha irmã sa.

Ficha n.º 26/2/80  
Acta n.º 165 João Maia

Género Literatura Valor BOM  
Intenção Deleitar Acessibilidade BCF  
Idade 10+ Meio para que é recomendável pa todos, mormente adolescentes  
MUITO RECOMENDÁVEL / RECOMENDÁVEL / ACEITÁVEL / NÃO ACEITÁVEL

0 Generalidades	5 Ciências puras	Palavra ordenadora (ou palavras) ou conceito :
1 Filosofia	6 Ciências aplicadas	
2 Religião. Teologia	7 Belas-Artes. Desportos	
3 Ciências sociais	8 Literatura	
4 Filologia. Linguística	9 Geografia. Biografia. História	

Assunto e outras observações: Este livro, Prémio do Ano Internacional da Criança, bem o merece pelo primor da escrita, naturalidade psicológica, simplicidade e graça. Com efeito, em estilo de monólogo uma menina vai expor as vicissitudes familiares a partir do nascimento duma irmãzita. E surgem os problemas da formação infantil, das reacções dos adultos, nas relações de irmãos que crescem, lado a lado. Pequenos incidentes permitem abrir janelas para coisas de

educação de timbre antigo e de evolução moderna. O livro é de leitura sedutora, muito bem escrito e com coerência psicológica. Recomendável.

JF adgiral

430 lt. Reg.  
Acta n.º 31  
DJ

leitor modelo destas bibliotecas, e a seleção dos títulos era por isso condicionada. No entanto é possível identificar alterações, quer nas aquisições quer nas recensões, que resultam da experiência direta do terreno. Um exemplo disso é o crescente número de títulos juvenis nas estantes das Bibliotecas Itinerantes, que procuram dar resposta a um público que utiliza o serviço em maior quantidade e até qualidade do que o esperado. Os encarregados das Bibliotecas tinham um papel essencial ao dar conta das preferências e competências do seu público, tanto quanto em responder ao leitor em função dos critérios que subjaziam à apreciação dos livros que disponibilizava. Assim se escreve noutra circular de 1961: «Um dos aspetos essenciais das nossas Bibliotecas, pois dele depende em grande parte o interesse dos leitores, é o género de livros que as constituem. [...] Há, assim, zonas onde são mais lidas as obras de poesia ou filosofia, enquanto noutras a preferência quase exclusiva vai para a literatura de ficção [...] Ora ninguém melhor do que o Encarregado de cada Biblioteca pode auxiliar os Serviços Centrais na definição dessas preferências [...] É para a aquisição de novos livros e para a renovação dos existentes que se pede a colaboração dos Encarregados.»

Há que notar que estes Encarregados, cuja contratação não dependia de um grau académico superior mas sim de uma formação cultural e de uma capacidade de comunicação superior, tinham um papel decisivo na relação estabelecida com o público e que nomes como os de Alexandre O'Neill, Tomás Quim ou Herberto Helder constam entre os funcionários da Fundação Calouste Gulbenkian que desempenharam tais funções.



Comissão era escolhida por Branquinho da Fonseca, e nela constavam figuras externas e internas à própria Fundação, representando áreas nas quais se poderiam considerar especialistas. O contrato de recenseadores tinha a duração de dois anos, podendo ser renovável por mais um. É essa a razão pela qual a lista de nomes, que pode ser facilmente pesquisada no site, é tão extensa e diversa.

Nela encontramos, entre outros, Domingos Monteiro, o principal recenseador no início da Comissão, o próprio António Quadros, Natércia Freire, Esther de Lemos, Maria Alzira Seixo, Álvaro Manuel Machado e David Mourão Ferreira, entre tantos outros, com um contributo mais ou menos duradouro e regular. Urbano Tavares Rodrigues, assim como Manuel António Couto Viana e Fernanda Botelho já integravam o painel de recenseadores antes de 1996, um ano importante na história do Rol de Livros, e ali continuaram até morrer. Ainda há recensões assinadas por Urbano Tavares Rodrigues em 2012. Nesta última fase o prazo de colaboração deixou de ser estanque e finito, como inicialmente, passando a dar-se mais atenção à criação de uma equipa eclética. A entrada de Margarida Medeiros Ferreira e José Manuel Garcia resultou, depois de 1996, numa maior representação das ciências e da história nas escolhas de títulos a recensar.

### **Mudança de paradigma**

**B**ranquinho da Fonseca manteve-se à frente do Serviço até à sua morte em 1974. Depois disso, e com o 25 de abril, outros nomes reconhecidos da cultura e das letras nacionais assumiram essa função: António Quadros, David Mourão Ferreira e Vasco Graça Moura.

Na década de oitenta começa a configurar-se uma política de leitura pública e a Fundação Calouste Gulbenkian enceta igualmente algumas mudanças. A comissão altera a sua denominação, passando a chamar-se Comissão Consultiva de Apreciação de Livros e nenhum dos recenseadores convidados tem qualquer vínculo à Fundação.

Com o arranque da Rede de Bibliotecas Públicas, a Fundação encerra progressivamente as suas Bibliotecas Fixas, cedendo os fundos aos Municípios com quem o Estado estabelece protocolos. As bibliotecas itinerantes começam igualmente a ser desativadas no final dos anos oitenta. Por esta altura, as fichas de leitura perdem a sua principal razão de ser visto que já não servem de barómetro para aquisição de fundos. No entanto, até 1996, data da morte de David Mourão Ferreira, a comissão continua ativa, com reuniões semanais, como sempre acontecera desde a sua criação.

É na segunda metade da década de oitenta que muitas fichas começam a dar lugar a recensões, inicialmente cumprindo o modelo físico, depois apenas em texto corrido, sem categorias de qua-

lidade ou adequação. Há uma transformação visível do ponto de vista da intenção e do discurso, o que levanta uma questão de fundo: por que se continuam a recensar livros e para quem, agora que o serviço que lhes configurava um sentido deixa de existir?

A resposta é dada por Vasco Graça Moura, que dirige o rebatizado Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura entre 1996 e 1999. Altera-se então profundamente o paradigma destas fichas: até então o seu conteúdo era mantido secreto, sendo dada especial atenção ao anonimato de quem assinava cada um desses pareceres. Mas, na viragem do milénio, quando as Bibliotecas Públicas ganhavam fôlego com equipamentos modernos, fundos e programação, cabia à Gulbenkian um outro papel, no que à leitura dizia respeito.

Vasco Graça Moura propôs então que as fichas sejam disponibilizadas ao público e a única forma de o fazer seria através de uma plataforma digital. As fichas deixavam a sua primeira função instrutiva e passavam a constituir um vastíssimo património da história da leitura na segunda metade do século XX, em Portugal, na perspetiva sociológica, editorial e literária. Que livros se editavam? Que livros se consideravam referências? O que diziam sobre eles figuras tutelares da cultura da época? Como se viam os leitores? Quem editava, quanto custavam...

O processo é posto em marcha: digitalizam-se as fichas em papel, cria-se uma plataforma de alojamento para as novas recensões e um motor de busca para aceder, através de vários campos de pesquisa, a todo o arquivo. Em 2004, nasce o Rol de Livros, um dos três elementos do site [Leitur@Gulbenkian.pt](mailto:Leitur@Gulbenkian.pt), que integra os

Boletins Culturais que a Fundação edita desde 1960, e um arquivo com iniciativas marcantes ou testemunhos em torno do livro e da leitura. De repente, qualquer pessoa pode aceder a todas as resenhas escritas em 1961, sem distinção entre temas ou resenhas-adores. Ali se encontram títulos de autores como Aldous Huxley, Júlio Dantas, Albert Camus, Matilde Rosa Araújo, Oscar Wilde ou Jorge de Sena, entre mais de uma centena de nomes.



Atualmente, o Rol de Livros conta com 3 resenhas-adores, Rita Tabor-da Duarte e Mário Braga na área da literatura e José Manuel Garcia na área da História. As suas reuniões são mensais e cada colaborador escolhe os títulos que considera mais pertinente resenhar, de acordo com a sua apreciação crítica do mercado e da qualidade das obras. O serviço disponibiliza uma verba anual para a aquisição dos títulos, cabendo no mínimo três resenhas por mês a cada um dos colaboradores. Assim, prevê-se que o projeto mantenha sempre o carácter de atualidade que o alimentou ao longo de meio século, tendo agora em mente a voragem do mercado que muitas vezes torna difícil a escolha desinformada e descontextualizada. O que se pretende, do ponto de vista programático, se assim se pode chamar, é que estas resenhas sejam hoje uma leitura crítica, num universo repleto de sinopses e apologias mediáticas.

Com o objetivo de levar estas leituras e tamanho património a um público mais abrangente, a Gulbenkian continua a chamar a si uma causa que faz parte do seu ADN e da qual não se quer afastar, assegura Maria Helena Borges. Programando o futuro, a Fundação está a desenvolver uma nova estrutura informática que possa ligar eficazmente todos os arquivos, notícias, programas e informações acerca das suas várias áreas de atuação. Quando essa estrutura estiver operacional, a plataforma [Leitura@Gulbenkian.pt](mailto:Leitura@Gulbenkian.pt) ficará mais acessível, o que não acontece neste momento, em que não há ligações a partir do site da Fundação Calouste Gulbenkian. Será então possível divulgar as resenhas nas redes sociais da Fundação, alcançando assim um número significativamente maior de leitores e concretizando o seu principal objetivo: dar pistas de leitura, possibilitar o acesso à informação, ajudar o leitor a determinar os seus próprios critérios de seleção.

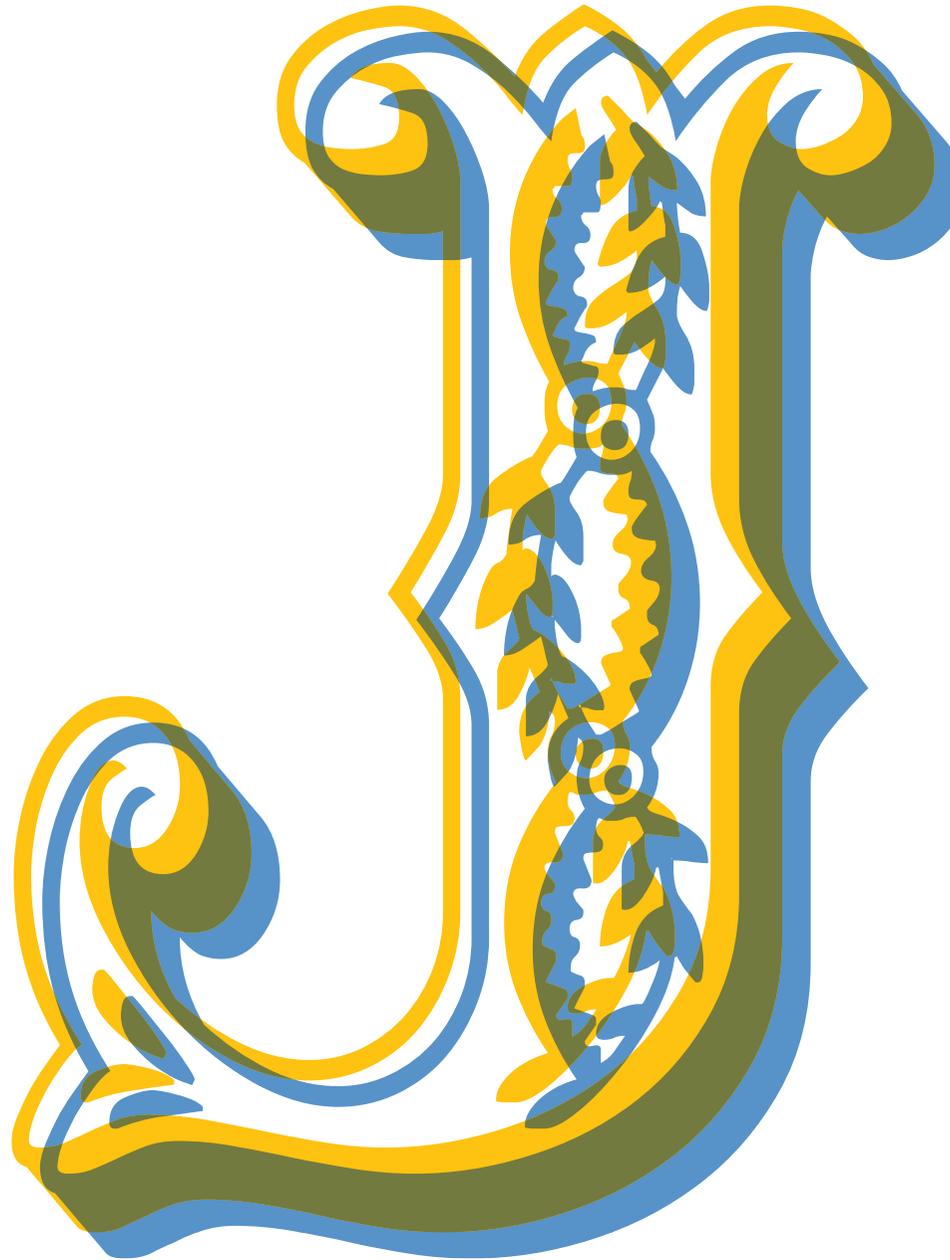
«A fundação sempre foi dinâmica!», declara Maria Helena Borges. Hoje e apenas no universo da leitura, a FCG conta com mais dois portais, A Casa da Leitura, para todos os mediadores, e o Cata Livros, destinado ao público infantojuvenil. Não sabemos exatamente como se fará a história deste presente, mas certamente haverá novas nebulosas, novos juízos que o tempo permitirá, novos rasgos. Certo é que Rol de Livros é um arquivo aberto e regular de 91 000 resenhas, que muda também em função do seu público. Ontem, no isolamento geográfico de um país analfabeto e salazarista, hoje à distância de uma ligação à internet. Pode ser mínima, pode ser gigante.

## Joelho

O joelho é o vértice da perna, cume de montanha imaginária onde pequenos alpinistas trepam canela acima, fartos de estar sentados e querendo estar de pé. Por vezes, apanhando-se os pais a jeito, é a cabeça de um cavalo que galopa, perna para cima e perna para baixo, em cavalgadas junto ao sofá. Ponte entre a perna e a coxa, permite andar, correr e saltar, tornando-se uma pintura abstrata de traços e nódoas várias. O joelho e o chão são um par enamorado que se encontra vezes sem conta, originando algumas lágrimas, arranhões interessantes e autênticas medalhas de valor mostradas com orgulho aos amigos. No que toca a roupa, prefere seguir o exemplo dos cotovelos e andar ao ar livre, ou então caminhar com o seu amigo, o penso no joelho.

**Gonçalo Viana**

ilustrador



## João

(Pedro Mésseder), Jorge (Sousa Braga), José (Jorge Letria) – toda a sua poesia para pequenos e jovens leitores! E... um outro JOSÉ (SARAMAGO) – com as suas narrativas lidas também pelos mais novos!

Todos juntos! Quem sabe lendo, até, umas tais *Histórias com Juízo* e umas *Aventuras Maravilhosas de [um] João Sem Medo?* Ou conhecendo um *Jardim Zoológico em Casa?* A conversar com o infeliz João Ratão ou com o Pateta João?

Mas, na carruagem deste comboio, viajam, ainda e também, ingleses: *Jack and the Beanstalk*, *Jemima Puddle-Duck* ou *The Jungle Book*.

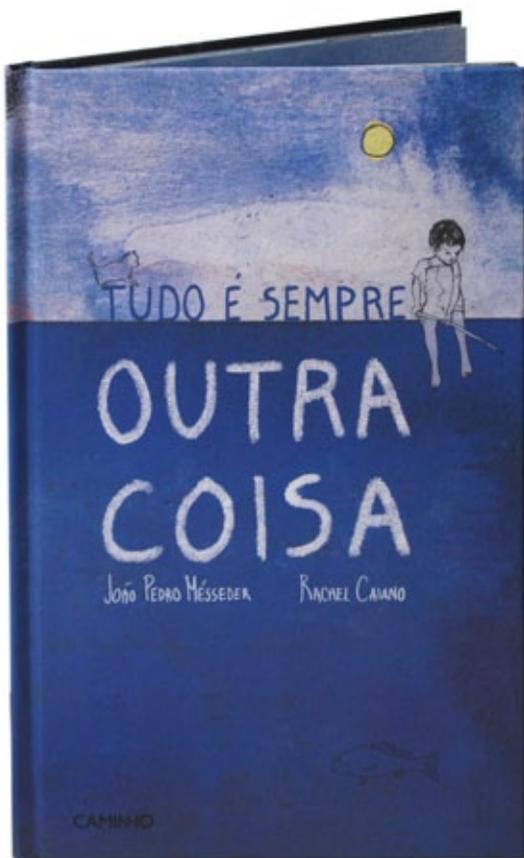
Sim, há lugar reservado para Jules Verne (e as suas viagens de vinte mil léguas, em apenas oitenta dias, por vezes, ao centro da terra!).

O J nos livros e na literatura, do jardim de infância até à juventude. Lançam-se os dados e organizam-se as peças... E o jogo, enfim, começa!

**Sara Reis da Silva**

professora universitária (Instituto de Educação – Universidade do Minho)

**Tudo é sempre outra coisa**  
**João Pedro Méseder**  
**Rachel Caiano**  
**Caminho**



Enigmática tese, a deste título, que numa metonímia natural se estenderá a todo o corpo do livro, supõe-se. A dualidade criada pela ilustração começa na capa e na contracapa: envolve o livro e integra-o. A linha que separa, pela cor, dois universos, remete para os dois hemisférios geográficos, ou cerebrais, ou ainda para o clássico mundo superior e inferior. Talvez mais do que tudo, ao observar as pernas do menino submersas pela água, seja esta a linha que Narciso deseja aniquilar, no seu desejo de si mesmo, e que aqui se desfaz, pela mudança de estado. As pernas do menino continuam a ver-se à transparência da água, mas agora mais escuras. A alteração de cor é apenas uma, de entre as possíveis: forma e volume são outras, que também contribuem para que tudo seja sempre, pelo menos potencialmente, outra coisa. Não nos detenhamos em questões de identidade.

Outra coisa é uma ampliação, uma associação, uma disseminação, ou simplesmente algo outro, novo ou não, vestígio, marca, efeito. De facto, o outro pode chegar a ser indizível, irrepresentável, vazio no limite. *Tudo é sempre outra coisa* não subjectiviza. Na verdade, não sabemos o que é: ainda não abrimos o livro.

Nas guardas inverte-se a posição da cor. A claridade é agora inferior e a menina que recebe as gotas num copo está ali. Nas guardas finais, a mão que escreve escolhe o azul anisado no hemisfério superior, contrastando com o avião de papel. Onde se voa, afinal? Na poesia, que abre e fecha o livro? Ou no muro da memória de infância do poeta, que pode bem ser essa fronteira visual que acompanha todas as páginas? Esse muro misterioso que se apresenta como desafio e permite espreitar para outro lado e observar o que existe e o que se sonha existir. A poesia que é uma seca, última metáfora do texto, é descrita, desnovelada em modo instrutivo, figurado também, em contraste com o mar, as ondas, o ribeiro, a chuva que povoam outras metáforas ao longo do livro. É a tal outra coisa que contraria o estado recorrente, frequente, comum das palavras e deixa uma espécie de demonstração de tudo o que a escrita criou nas páginas anteriores. Não é uma lição, uma moral ou um ensinamento, até porque o mistério do estudo reside noutra lugar: «Na visita de estudo, convencido de que está a brincar, o olhar estuda, estuda sem dar por isso. Tanto estuda que, mais tarde, até dá raiva ao que tanto viu

e “estudou” embora não goste de estudar.»

Na contracapa lê-se que «A leitura deste livro pode começar por qualquer página.» Assim é. Pode até ler-se cada poema (em prosa) pela ordem que se desejar. Todavia, a coerência do volume não prescinde daquela ordem. Porque uns sentidos puxam outros, numa cadência metonímica de contágio, contaminação, associação. Que relação se pode estabelecer entre o mar, o sono e o pijama? E entre este poema, que inaugura a página, e o que se segue, sobre bicicletas e óculos? E entre um beliche e os corrimões? Rachel Caiano une todos estes elementos em torno do menino que dorme, submerso nesse mar de sonhos que vagueiam, redondos, como bolhas de oxigénio, ou bolas de sabão. Mas não só na ilustração reside a chave para esta unidade. O sono e o sonho, implicitamente, também estão alojados nos sentidos textuais. «Mergulhar no mar do sono» implica mudar de dimensão, ir em profundidade, movimentar-se; os óculos e as bicicletas têm em comum a forma circular e com o poema anterior o movimento e o ato de ver de outra maneira. Assim como os sonhos no beliche que se emaranham se movimentam

e rodeiam recuperam, agora explicitamente, primeira associação, entre sono e sonho. E, finalmente, os corrimões são parte das escadas, que servem para atingir outro espaço, através do movimento. Como os beliches. Poderá ser uma espécie de associação livre, ou simplesmente um exercício de amplificação dos sentidos literais e unívocos das coisas, destituí-las da sua funcionalidade, alterando os seus limites, usando-os e subvertendo-os, apagando-os e criando outros. As coisas são as mais simples (flores, animais, árvores...) e as mais complexas (a liberdade, a pátria, o egoísmo, a desigualdade social). João Pedro Mésseder é uma das vozes mais elaboradas da poesia (considerada) para a infância. Por isso consegue criar metáforas, representações mais ou menos obtusas para qualquer um dos elementos, sem contaminar uns com os valores dos outros. As coisas são outras no seu universo, não servem de imagem, de fábula ou exemplo para outra intenção.

Depois de *O Pequeno Livro das Coisas*, o poeta persiste num programa titular mas arrisca outro modelo sintáctico. A economia textual não obedece à mesma contenção elíptica e a suspensão opera-se mais devagar, com mais conectores, marcas narrativas de tempo e espaço, sucessões descritivas. No entanto, a mudança



de perspectiva continua a seguir a mesma linha de abertura a um onirismo que se pode apresentar paradoxalmente silogístico, tanto quanto surpreendentemente belo e límpido. Neste volume, muitos poemas soam como pequenas narrativas sonhadas, sem filtro. A ilustração de Rachel Caiano, com as suas figuras infantis, pueris, rosadas e de olhos cheios, pela

mancha de carvão, conduz o texto para o encontro com a criança, como se barcos, papéis, baleias, tigres, comboios, flores e computadores estivessem sempre, algures, no seu encaço. É pela ilustração que o leitor imagina cada poema sentido, dito, imaginado, por uma criança, aquela, por exemplo, que vê tudo isto quando espreita por cima do muro. E apesar de ser criança antes

de ser poeta, e de só ela saber o que vê, não o adulto que será, ali estão eventuais olhares feitos palavras e imagens. A fronteira horizontal, digamos que seja o topo desse muro, tem uma característica especial: não impede que as palavras se movam entre esses dois hemisférios, tanto que nem sempre é possível distinguir qual deles é o quê. Porque *Tudo é sempre Outra Coisa*.

## IBBY

### Lista de honra

Já são conhecidos os títulos que as secções nacionais do IBBY nomearam para a lista de honra para o biénio 2014-2015. Os títulos foram apresentados no congresso internacional da organização, no México, no passado mês de setembro. Cada país pode apresentar um livro de um escritor, de um ilustrador e de um tradutor que melhor represente a excelência da edição dos últimos dois anos e que possa ser editado noutros países. A lista de honra foi materializada num catálogo e em sete conjuntos com todos os livros (150) que circularão em conferências e feiras internacionais por todo o mundo. Portugal não integra a lista, depois de, em 2012, Afonso Cruz e Bernardo Carvalho terem sido os escolhidos pela secção portuguesa que se encontra atualmente inativa.



## RNBP

### Relatório anual

Já são públicos os resultados do relatório anual estatístico que a DGLAB promove desde 1993 junto de todas as bibliotecas da rede nacional, para aferir as condições quantitativas de funcionamento. O relatório centra-se, na primeira parte, nos recursos físicos, humanos, materiais e de serviços e na segunda numa apresentação estatística comparada com dados dos últimos cinco anos. Através dos números apurados, denota-se pouco investimento em projetos de continuidade ao nível da promoção da leitura, e uma canalização orçamental quase exclusiva para as despesas correntes, com pouco investimento na aquisição documental e na programação cultural.



## Prémio Alma

### Lista de Candidatos

Foi apresentada, na Feira do Livro de Frankfurt, a lista dos 197 candidatos ao Astrid Lindgren Memorial Award. Constituindo uma das bússolas de qualidade mais rigorosas para legitimar o trabalho de escritores e ilustradores de livros infantis e juvenis e de promotores de leitura, tem este ano 50 novos nomes a somar aos 97 reincidentes. Foram cem as organizações com a responsabilidade de nomear, chegando-se a uma representação de 61 países. Por Portugal, estreia-se a promotora Margarida Botelho, ao lado do escritor António Mota, que volta a ser nomeado. O vencedor será anunciado no dia 31 de março, diretamente da Suécia para a Feira do Livro Infantil de Bolonha, como acontece todos os anos.



## White Ravens

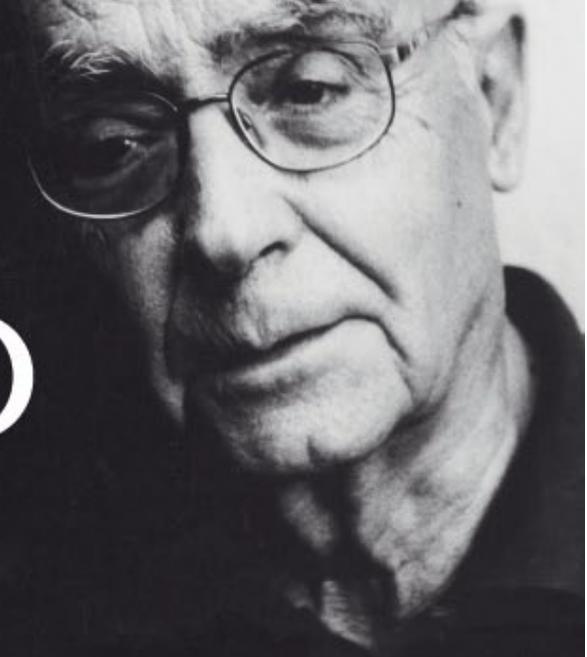
### 50 anos e novo catálogo

Na revista *Babar* pode ler-se que alterações sofreu o catálogo White Ravens para assinalar o quinquagésimo aniversário da sua primeira edição. Da responsabilidade da International Youth Library, este catálogo integra anualmente os melhores títulos editados no mundo no ano anterior, servindo de barómetro de qualidade da edição *infantil e juvenil*. No artigo da *Babar* enumeram-se os livros em língua castelhana que integram o catálogo, onde consta um título da OQO e outro da Kalandraka. *Irmão Lobo*, de Carla Maia de Almeida e António Jorge Gonçalves (Planeta Tangerina), *Vazio* de Catarina Sobral (Pato Lógico) e *Aquela Escuridão Bonita*, de Ondjaki e António Jorge Gonçalves (Caminho) são os escolhidos de edição portuguesa.

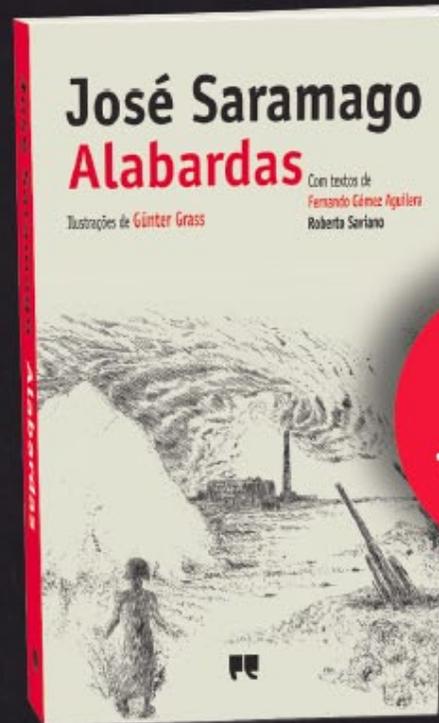


O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

# JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,  
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**  
Uma última viagem na sua  
permanente vocação  
para agitar consciências.



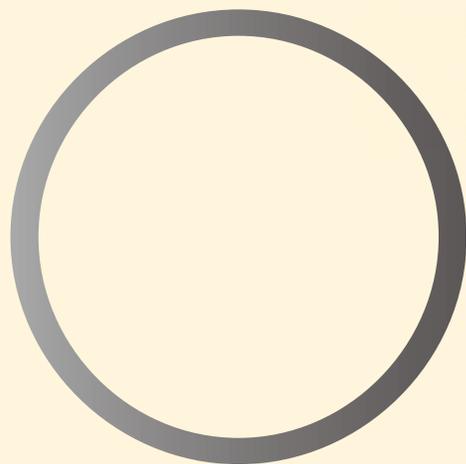
**LIVRO  
INÉDITO**

 **Porto  
Editora**  
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação  
José Saramago**

saramaguiana

EXCERTO DO  
PROLOGO DE  
A ESPIRITUALIDADE  
CLANDESTINA DE  
JOSE SARAMAGO\*  
MANUEL FRIAS  
MARTINS



s romances *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim* constituem o núcleo da reflexão que tento fazer acerca da espiritualidade saramaguiana. É certo que apesar do elevado número de estudos sobretudo sobre o primeiro, quando comparados com outras obras de Saramago estes dois romances não têm merecido a mesma atenção. Contudo, também é certo que a bibliografia crítica saramaguiana se aproxima atualmente daquele ponto de saturação em que já quase tudo foi dito, tanto fora como sobretudo dentro das universidades, quer nas de língua portuguesa quer em muitas outras. Também a abundância de publicações, filmes e material informativo diverso, contendo elementos muito pessoais de Saramago — desde reflexões variadas acerca

da condição contemporânea do homem e da sociedade até comentários ou referências analíticas às suas próprias obras —, pode tornar muitas das promitentes interpretações críticas potencialmente redundantes. Contudo, graças a um salutar efeito de silenciamento da autoridade, é a própria crise de abundância de estudos críticos que sugere ou legitima a abertura de espaços de liberdade hermenêutica como aquele em que aqui me vejo leitor e intérprete de um dos mais fascinantes escritores do nosso tempo.

Reconheço, no entanto, que o tema deste livro pode gerar algum ceticismo em muitos leitores de José Saramago. Aceito que assim seja, pois também eu sou cético quando surgem as razões e as circunstâncias para tal. Mas não sou cético ao ponto

## A E S P I R I T U A L I D A D E C L A N D E S T I N A D E J O S É S A R A M A G O



de acreditar que o impensável é impossível. Por isso, e mais modestamente, no caso das obras de Saramago aqui em apreço considero que se a crítica literária conseguir ir além do tradicionalmente pensável, instalando-se no intervalo da significação, ou no cerne da dinâmica por que a leitura oscila entre o dito e não dito do texto romanesco, ou naquele lugar indefinido da *matéria negra* que agencia a ficção literária, então teremos um alargamento contínuo da compreensão do texto saramaguiano independentemente do número de teses académicas disponíveis ou dos ensaios pretensamente definitivos.

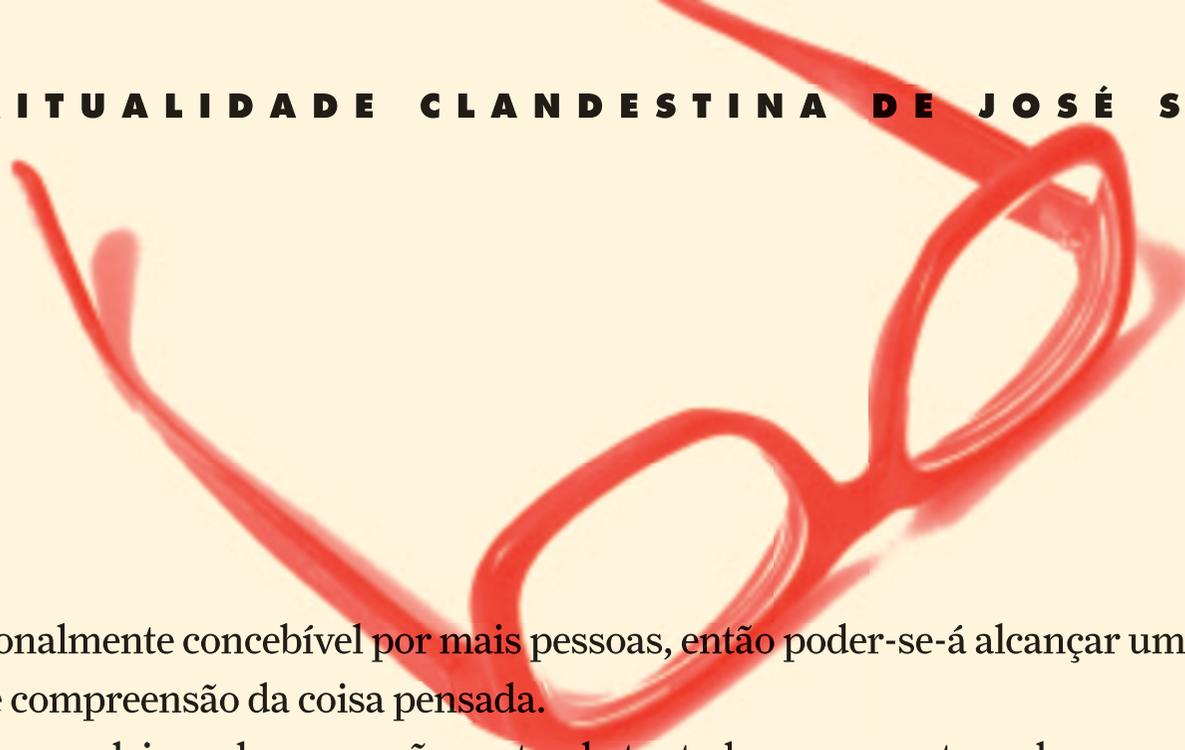
**É** ainda pelo contexto acabado de descrever que importa referir a minha convicção de que aquilo a que chamo matéria negra da literatura (vd. Martins, 1995), sendo o que continua a promover a literatura como um inigualável campo de descoberta existencial da verdade enquanto manifestação da linguagem e das múltiplas validações ficcionais do sentido, é também o que possibilita à crítica literária ler para além da escrita e sobretudo para além do escritor. Ao reivindicar por aí o direito à interpretação crítica da literatura, a matéria negra obriga não raras vezes o crítico a desobedecer ao escritor, seja ele qual for, e sobretudo aos seus comentadores. Neste sentido, julgo que se são irrelevantes as eventuais aflições dos comentadores puristas da obra de Saramago, mais irrelevante ainda é pensar no possível acordo ou desacordo do escritor José Saramago com a estratégia interpretativa deste meu ensaio. Aliás, vista de uma perspetiva ironicamente jubilosa, a minha estratégia interpretativa pode até ser encarada como resultante de uma forte concentração de ectoplasma fantasmático — na linha da



curiosa «pneumologia literária» proposta por Daniel Sangsue, a qual inclui a advertência de que toda a leitura de um autor desaparecido é um ato de espiritismo (Sangsue, 2011: Prólogo) <sup>1</sup>.

**É** certo que uma ideia insólita, ou pelo menos desobrigada do hábito, é sempre mal recebida em virtude da descontinuidade que introduz nas zonas de conforto intelectual, isto é, na doxa literária e no respetivo acervo de ideias e perspetivas dominantes propostas pelo senso comum e propagadas sobretudo no sistema de ensino. Estas últimas, aliás, amparadas como estão por ilusões de unidade existencial e completude interpretativa, dificilmente estão disponíveis para acompanhar a diferença. E propor José Saramago pelas veredas da espiritualidade clandestina equivale a introduzir uma *diferença solitária* na compreensão da sua escrita e da sua própria figura. Aliás, a este propósito mantém-se sempre atual o dorido desabafo de C. G. Jung de que «*a solidão não surge por não termos ninguém à nossa volta, mas sim por sermos incapazes de comunicar as coisas que nos parecem importantes, ou por defendermos pontos de vista que outros consideram inadmissíveis*» (Jung, 1965, 1973: 356). Por isso, invocar a espiritualidade num contexto de receção que, por diferentes motivos, lhe tem sido tradicionalmente adverso, pode gerar agrestes denegações, encarcerando este livro numa espécie de ideia mártir. Mas não é menos certo que se essa ideia encontrar um eco suficientemente forte

1. O livro de Daniel Sangsue é bastante sério e merece ser conhecido, nomeadamente por quem se interessa pela literatura do século XIX, mas o meu comentário ectoplásmico não está isento de facécia. Importa por isso lembrar que se a ironia e o humor são sempre perigosos, o perigo principal surge quando eles deparam com mentes incapazes de os apreenderem pela lógica daquilo que, pelo menos desde Aristóteles, se considera estar no cerne da própria constituição do humano. Mas como José Saramago é um dos maiores ironistas da literatura portuguesa, e como quem privou com ele recorda o alto sentido de humor que o caracterizava, é também a ele que me dirijo na hora do sorriso pneumológico da literatura.



para passar a ser emocionalmente concebível por mais pessoas, então poder-se-á alcançar um enriquecimento do próprio processo de realização e compreensão da coisa pensada.

**F**inalmente, quero deixar claro que não pretendo ter todas as respostas sobre o escritor José Saramago. No entanto, considero altamente pernicioso aquele tipo de racionalismo que, confundido com doutrinário, acabou por eliminar logo à partida possibilidades de compreensão crítica de Saramago, e da literatura em geral, associadas ao inesperado, ao não familiar, ao estranho, ao indecível, ao mitológico e, é claro, também ao espiritual. Em consequência, julgo que as eventuais resistências à estratégia interpretativa deste meu ensaio (e ao tipo de racionalidade aberta por que ele se pretende legitimar), sendo talvez até necessárias, não deverão ignorar, no entanto, que o realismo não é a única modalidade de conhecimento e que a equação que reduz o real ao material já pouco tem para oferecer às expectativas do homem (e do leitor) contemporâneo. Nesse sentido, e como se verá ao longo do livro, a minha *confiança* vai menos para modalidades rígidas de saber e conhecimento, e mais para algo que agora reconheço próximo da floresta de ilusões ao abrigo das quais vamos tentando dar sentido à nossa experiência da vida e da literatura. É por isso, e concluindo de vez este prólogo, que não reclamo para este meu ensaio outra coisa que não seja a garantia de que nele tentei colocar, na presente etapa de amor da literatura, a minha ilusão mais bela acerca da escrita saramaguiana.

\* Título a publicar pela Fundação José Saramago em novembro de 2014

***Que boas estrelas***

---

***estarão cobrindo***

---

***os céus de Lanzarote?***

---

***José Saramago, Cadernos de Lanzarote***

**A Casa  
José Saramago**

---

**Aberta de segunda a sábado,  
das 10 às 14h.**

**Última visita às 13h30.**

**Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.**

**Última visita a las 13h30 h.**

**Open from monday to saturday,  
from 10 am to 14 pm.**

**Last entrance at 13.30 pm.**

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,  
Islas Canarias, Canary Islands**

**[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)**



**26** até  
out

**Doc Lisboa**  
12.ª edição do festival internacional de cinema documental de Lisboa  
Lisboa, vários lugares.



**28** até  
out

**Pela Lente do Amor: A MPB em fotos de Cristina Granato e Mario Luiz Thompson**  
Exposição de fotografias que captam protagonistas e momentos da música brasileira dos últimos quarenta anos.  
Rio de Janeiro, Imperator - Centro Cultural João Nogueira.



**09** até  
nov

**Pílades**  
Luís Miguel Cintra encena a tragédia escrita por Pasolini sobre o modo como um sistema pode anular o espaço para a ideologia.  
Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II.



**16** até  
nov

**Big Bang Data**  
Exposição coletiva dedicada à reflexão sobre a quantidade de informação que circula atualmente e ao modo como essa informação pode ser manipulada.  
Barcelona, Centre de Cultura Contemporània.



**04** até  
jan

**En esto ver aquello. Octavio Paz y el arte**  
Exposição que reúne 220 obras de diferentes museus e coleções do mundo procurando iluminar as relações entre a obra de Octavio Paz e a arte.  
México DF, Museo del Palacio de Bellas Artes.



**11** até  
jan

**Escritura  
experimental  
en España:  
1965-1983**

Exposição dedicada  
à experimentação  
gráfica e poética  
operada pelos  
experimentalismos  
do século XX.

Madrid, Círculo  
Nacional de Bellas  
Artes.

→●

**18** até  
jan

**Robert  
Doisneau.  
Retrospectiva**

Exposição com  
cerca de meia  
centena de  
fotografias a preto e  
branco do fotógrafo  
francês Robert  
Doisneau.

Málaga, Centro  
Cultural La Térmica.  
Até 18 de janeiro de  
2015

→●

**15** até  
fev

**Xulio Maside**

Retrospectiva da  
obra do pintor  
galego nascido em  
Vigo, em 1933.  
Santiago de  
Compostela,  
Auditorio de Galicia.

→●

**24** out  
**09** nov

**Amadora BD**

25.a edição do  
Festival Internacional  
de Banda Desenhada  
da Amadora.  
Amadora, vários  
lugares.

→●

**25** out  
**12** nov

**O Fascismo  
dos Bons  
Homens**

Adaptação do  
romance A Máquina  
de Fazer Espanhóis,  
de Valter Hugo Mãe,  
pelo Trigo Limpo/  
Teatro ACERT.  
Vila do Conde, Viseu  
e Coimbra.

→●

Blimunda junho de 2014,  
segundo aniversário.  
Número especial em papel,  
disponível nas livrarias  
portuguesas.  
Encomendas através do site  
[loja.josesaramago.org](http://loja.josesaramago.org)

